

KAREN MARIE
MONING



HIGHLANDER

para além das brumas

Tradução de Teresa Martins de Carvalho

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



*Para a minha irmã, Elizabeth, com amor.
Tu és o meu sol...*

Um agradecimento especial a...

Minha mãe e meu pai;
Rick Shomo;
Carrie Edwards e Jeanne Meyer;
e à minha agente Deidre Knight.
Não o teria feito sem vós.

BELTANE¹
(primavera)

*Serpentes sarapintadas, bilingues,
erçados ouriços, sumi-vos.
Salamandras, bichos cegos, fugi.
Deixai em paz a rainha das fadas.*
SHAKESPEARE, *Sonho de Uma Noite de verão* ²

1 Primeiro de maio e início do verão no calendário celta. (N. da T.)

2 Tradução de Charles David Ley e João Gaspar Simões, Editorial Presença. (N. da T.)



Prólogo

ESCÓCIA

1 DE FEVEREIRO DE 1513

A fragrância de jasmim e sândalo pairava por entre as sorveiras-bravas. Acima dos ramos orvalhados, uma gaivota solitária surgiu qual espectro através da bruma e elevou-se a beijar a aurora por sobre as areias brancas de Morar. O mar turquesa refulgia em matizes de cauda de sereia contra a costa de alabastro.

A elegante corte real dos *Tuatha Dé Danaan*³ salpicava a faixa de luxuriosa vegetação. Espreguiçadeiras almofadadas de cintilantes escarlate e limão adornavam o outeiro relvado, dispersas em meia-lua face ao palanque exterior.

— Dizem que ainda é mais belo que tu — observou a Rainha para o homem indolentemente esparramado aos pés do seu trono.

— Impossível. — A sua risada trocista tiniu como carrilhões de cristal ao vento dos *fae*.⁴

— Dizem que a sua virilidade a meia-haste faria a inveja de um garanhão. — A Rainha lançou um olhar de viés por sob as pálpebras semicerradas para os seus extasiados cortesãos.

— Mais provavelmente de um rato — escarneceu o homem a seus pés. Dedos elegantes demonstraram um diminuto espaço de ar, e risadinhas cortaram as brumas.

— Dizem que, a plena haste, ele furta a mente de uma mulher ao seu corpo. Que lhe clama a alma. — A Rainha baixou os cílios franjados para

3 Deuses da mitologia celta, representados como heróis ou fadas. (N. da T.)

4 Conjunto de seres sobrenaturais dotados de poderes mágicos, como as fadas, os duendes, os elfos, etc. (N. da T.)

escudar os olhos iluminados pelo fogo iridescente do seu malicioso intento. *Quão lesto são os homens a deixar-se provocar!*

O homem revirou os olhos e uma expressão de desdém gravou-se-lhe no perfil arrogante. Cruzou os tornozelos e olhou o mar ao longe.

Mas a Rainha não se deixou enganar. O homem a seus pés era vanglorioso, e não tão imperturbável face à sua provocação como fazia crer.

— Deixa de lhe lançar a isca, minha Rainha — admoestou o Rei Finnbheara. — Sabes como fica o bobo com o ego ferido. — Deu-lhe uma palmadinha apaziguadora no braço. — Já o acirraste o bastante.

Os olhos da Rainha semicerraram-se pensativamente. Considerou por um segundo renunciar a esta sua veneta de vingança. Um olhar calculador aos seus homens deitou por terra esse pensamento, ao recordar-se do que os ouvira discutir com excruciante detalhe no adiantado da noite anterior.

As coisas que eles haviam dito eram imperdoáveis. A Rainha não era mulher para ser comparada com outra mulher e sair a perder. O lábio firmou-se-lhe impercetivelmente. A mão de requintada delicadeza crispou-se num punho. Escolheu com cuidado as palavras seguintes.

— Mas eu encontrei nele tudo o que dizem — ronronou.

No silêncio que se seguiu a declaração pairou, sem resposta, já que o golpe era por demais cruel para tal. O Rei a seu lado e o homem a seus pés mexeram-se desconfortáveis. Ela começava a pensar que não se fizera entender claramente quando, em unísono, eles morderam a isca. — Quem é esse homem?

A Rainha Aoibheal das Fadas disfarçou um sorriso de satisfação com um delicado bocejo, e deleitou-se com os ciúmes dos seus homens. — Chamam-lhe o Açor.

1

ESCÓCIA

1 DE ABRIL DE 1513

Sidheach⁵ James Lyon Douglas, terceiro Conde de Dalkeith, atravessou o quarto a passos largos. Gotículas de água escorriam-lhe do cabelo húmido e pelo largo peito abaixo, e reuniam-se num único arroio entre a dupla cadeia de músculos do abdómen. O luar brilhava através da janela aberta, projetando um brilho de prata na sua pele de bronze, criando a ilusão de que era esculpido de aço fundido.

A banheira atrás dele esfriara e fora esquecida. A mulher deitada na cama estava igualmente fria e esquecida. Sabia-o.

E isso não lhe agradava nem um bocadinho.

Demasiado belo para mim, pensava Esmerelda. Mas, pelos santos, o homem era uma sede de veneno, outra longa e fresca golada do seu corpo a única cura para o mal. Pensou nas coisas que fizera para conquistá-lo, para partilhar o seu leito, e — Deus lhe perdoasse — nas coisas que faria para ali permanecer.

Quase o odiava por isso. Sabia que se odiava a si própria por isso. *Ele devia ser meu*, pensava. Viu-o atravessar imponente o espaçoso quarto a passos largos, até à janela que se abria entre as estriadas colunas de granito que se uniam num elevado arco vinte pés acima da sua cabeça. Esmerelda lançou-lhe um olhar de desprezo para as costas. Tolo — aberturas tão largas e desprotegidas numa fortaleza — ou arrogante. E daí que se pudesse estar deitado no grandioso leito de penas de ganso e contemplar através do róseo arco um aveludado firmamento pontilhado de estrelas cintilantes?

Apanhara-o assim contemplativo nessa noite enquanto arremessava com força dentro dela, atiçando essa fome sem limite no seu sangue com a virilidade rija como pedra que só ele possuía. Ela gemendo debaixo dele

⁵ Pronuncia-se Shah-hôk, daí a alcunha *Hawk* (açor, em Inglês). (N. da T.)

no maior êxtase que jamais vivera e ele a olhar pela janela — como se ninguém mais ali estivesse consigo.

Estaria a contar as estrelas?

A recitar silenciosamente ditos lascivos para se impedir de tombar para diante e se quedar adormecido?

Perdera-o.

Não, jurou Esmerelda, *jamais* o perderia.

— Açor?

— Hmmm?

Ela alisou o lençol de seda lavanda por entre os dedos trémulos. — Volta para a cama, Açor.

— Estou desassossegado esta noite, doçura. — Ele brincou com o caule de uma grande flor azul-pálida. Meia hora antes cobrira-lhe a pele sedosa com as pétalas húmidas.

Esmerelda encolheu-se face à sua aberta admissão de que ainda tinha energia para despender. Sonolentemente saciada, bem via que o corpo dele vibrava ainda da cabeça aos pés de desassossegado vigor. Que espécie de mulher seria necessária — ou quantas delas — para deixar aquele homem numa modorra de fascinada satisfação?

Mais mulher que ela, e, pelos deuses, quanto isso a ofendia!

Tê-lo-ia a sua irmã deixado mais saciado? A sua irmã que lhe aquecera o leito até Zeldie arranjar maneira de tomar o seu lugar?

— Eu sou melhor que a minha irmã? — As palavras escaparam antes que ela pudesse evitá-lo. Mordeu o lábio, aguardando ansiosa a resposta.

As suas palavras arrancaram o olhar baço da noite estrelada, através da vasta extensão da câmara de dormir, para se pousar na ardente cigana de cabelo asa de corvo. — Esmerelda — ralhou ele gentilmente.

— Sou? — A sua voz rouca de contralto agudizou-se num tom genioso.

Ele suspirou. — Já falámos disso antes...

— E tu jamais me respondes.

— Para de te comparar, doçura. Sabes que é tolice...

— Como posso não fazê-lo quando me podes comparar com um cento, um milhar, até com a minha própria irmã? — As sobrancelhas bem delineadas franziram-se numa carranca acima dos olhos fulgurantes.

A risada dele escapou sonora. — E com quantos me comparas tu, encantadora Esmerelda?

— A minha irmã não pode ter sido tão boa como eu. Era praticamente uma *virgem*. — Cuspiu a palavra com repulsa. A vida era demasiado imprevisível para que a virgindade fosse um tesouro prezado entre o seu

povo. A luxúria, sob todas as suas facetas, era um aspeto saudável da cultura Rom.

Ele levantou uma mão de sobreaviso. — Para. Já.

Mas ela não podia. As venenosas palavras de acusação rolaram para fora, lestras e furiosas, para o único homem que alguma vez fizera o seu sangue pagão cantar, e o enfado dele entre as suas coxas estivera esculpido em granito sobre o seu rosto perfeito nessa mesma noite. Na verdade, desde há muitas noites para cá.

Ele vergou-se à sua raiva em silêncio, e quando por fim a sua língua sossegou, voltou-se de novo para a janela. O uivo de um lobo solitário rompeu a noite e ela sentiu em resposta um grito crescer dentro dela. Sabia que o silêncio de Açor era a sua despedida. A arder de rejeição e humilhação, quedou-se trémula no seu leito — no leito em que sabia jamais tornar a ser convidada a entrar.

Seria capaz de matar por ele.

E era precisamente isso que intentava fazer momentos depois quando avançou contra ele com o punhal de prata que fizera deslizar da mesa de cabeceira. Esmerelda poderia ter partido sem jurar um voto de vingança, houvesse ele parecido admirado. Momentaneamente alarmado. *Pesaroso*, mesmo.

Mas ele não exibiu nenhuma dessas emoções. O seu rosto perfeito iluminou-se de riso quando girou sem esforço, lhe agarrou o braço e arrempou o punhal pela janela fora.

Riu-se.

E ela amaldiçoou-o. E a toda a sua progenitura e quaisquer subsequentes bastardos.

Quando ele a aplacou com beijos, ela rogou pragas por entre os dentes cerrados, ainda que o seu traiçoeiro corpo derretesse ao toque dele. Nenhum homem deveria ser tão belo. Nenhum homem deveria ser tão intocável. E tão malditamente destemido.

Nenhum homem deveria ser capaz de renunciar a Esmerelda. Ele estava saciado dela, mas ela não estava saciada dele. Jamais se saciaria dele.

— Não foi culpa tua, Açor — aventou Grimm. Estavam sentados no terraço empedrado de Dalkeith bebericando porto e fumando tabaco importado com puro prazer masculino.

Sidheach James Lyon Douglas esfregou a mandíbula perfeita com uma mão perfeita, irritada pela perfeita sombra de barba que sempre aparecia umas horas apenas depois de se barbear.

— Simplesmente não entendo, Grimm. Julgava que ela encontrava prazer comigo. Porque buscaria matar-me?

Grimm arqueou um sobrolho. — Mas o que *fazes* tu às moças na cama, Açor?

— Dou-lhes o que elas querem. Fantasia. A prontidão da minha carne e sangue para satisfazer cada capricho delas.

— E como sabes tu quais são as fantasias de uma mulher? — interrompeu-se Grimm em voz alta.

O Conde de Dalkeith riu-se suavemente, um inebriante, confiante ronronar que ele sabia deixar as mulheres loucas. — Ah, Grimm, apenas tens de escutar com o corpo todo. Nos seus olhos ela diz-to, saiba-o ou não. Nos seus suaves gritos guia-te. No suave tornear do seu corpo, sabes se ela te quer de frente ou por trás das suas curvas luxuriosas. Com gentileza ou com poder; se ela deseja um amante terno ou busca uma fera. Se ela gosta de ter os lábios beijados, ou selvaticamente devorados. Se gosta dos seus seios...

— Estou a ver — interrompeu Grimm, engolindo em seco com força. Mexeu-se na cadeira e descruzou as pernas. Tornou a cruzá-las e puxou pelo *kilt*. Descruzou-as de novo e suspirou. — E quanto a Esmerelda? Entendeste as suas fantasias?

— Sobremaneira bem. Uma delas incluía ser Lady Açor.

— Ela tinha de saber não ser isso possível, Açor. Toda a gente sabe que estás praticamente casado desde que o Rei James decretou o teu noivado.

— Praticamente *morto*. E não quero falar disso.

— O tempo está a chegar, Açor. Não só irás ter de falar disso, irás ter de fazer alguma coisa a respeito... como ir recolher a tua noiva. O tempo está a esgotar-se. Ou não queres saber?

Açor lançou um selvagem olhar de esguelha na direção de Grimm.

— Apenas me certifico, é tudo. Falta pouco mais de uma quinzena, estás recordado?

Açor olhou para a noite cristalina, carregada de cintilantes estrelas. — Como poderia esquecer-me?

— Pensas realmente que James levaria a cabo as suas ameaças se não desposasses a moça Comyn?

— Sem dúvida — disse Açor categoricamente.

— Simplesmente não entendo porque te odeia ele tanto.

Um sorriso sardónico perpassou pelo rosto de Açor. Ele sabia porque o odiava James. Trinta anos atrás os pais de Açor haviam humilhado James até ao âmago da sua vaidosa alma. Dado que o pai de Açor morrera antes que James se pudesse vingar, o rei voltara-se para Açor em lugar de seu pai.

Durante quinze longos anos James havia controlado cada minuto da

vida de Açor. Dias antes de o seu penhor de serviço expirar, James engendrara um plano para afetar cada momento futuro dela. Por decreto do rei, Açor era forçado a desposar uma moça que não conhecia e não queria. Uma solteirona reclusa alegadamente horrenda e inquestionavelmente demente. Era a retorcida ideia do Rei James de uma condenação para toda a vida. — Quem abarca as mentes dos reis, meu amigo? — esquivou-se Açor, pondo significativamente fim ao assunto.

Os dois homens passaram algum tempo em silêncio, ambos cismando por diferentes razões enquanto contemplavam o firmamento aveludado. Uma coruja piou suavemente algures nos jardins. Os grilos friccionavam as patas num doce concerto, oferecendo crepuscular tributo a Dalkeith. As estrelas pulsavam e tremeluziam contra o baldaquino azul-negro da noite.

— Olha. Uma estrela cadente. Ali, Açor. O que fazes tu dela? — Grimm apontou para um ponto branco mergulhando dos céus, deixando um rasto leitoso a cintilar atrás de si.

— Diz Esmerelda que se pedires um desejo ao veres uma estrela cadente ele te será concedido.

— E pediste algum agora?

— Lérias — troçou Açor. — Tolices românticas para moças de olhos sonhadores. — Claro que pedira um desejo. De cada vez que vira uma estrela cadente nos últimos tempos. Sempre o mesmo desejo. Afinal de contas, o tempo estava a chegar.

— Bem, eu vou tentar — rosou Grimm baixinho, para não ser sujeito à mofa de Açor. — Desejo...

— Calma, Grimm. Qual é o teu desejo? — perguntou Açor, curioso.

— Não é da tua conta. Tu não acreditas.

— Eu? O eterno romântico que encanta legiões com a sua poesia e sedução... não sou crente de todas essas encantadoras coisas femininas?

Grimm lançou ao amigo um olhar de advertência. — Cuidado, Açor. Escarnece delas por tua conta e risco. Um dia poderás realmente enfurecer uma moça. E *não* saberás como lidar com isso. Por enquanto, elas ainda tombam enamoradas dos teus sorrisos perfeitos...

— Como este aqui, queres tu dizer. — Açor arqueou um sobrolho e abriu-se num sorriso, rematado por uns sonolentos olhos velados que gritavam de que modo a moça a quem ele se destinava era a única verdadeira beleza no seu coração, coração que tinha espaço para uma apenas — quem quer que estivesse nos seus braços nesse momento.

Grimm abanou a cabeça num misto de repulsa e mofa. — Tu exercita-lo. É forçoso que o faças. Vá lá, admite.

— Claro que exercito. Resulta. Tu não o farias?

— Mulherengo.

— Hã-hã — concordou Açor.
— Lembras-te sequer dos nomes delas?
— De todas as cinco mil. — Açor ocultou o sorriso rasgado atrás de um gole de porto.

— Salafrário. Libertino.
— Tratante. Devasso. Cafajeste. Ah, aqui está um bem apanhado: “si-barita” — providenciou Açor, prestimoso.

— Porque não veem elas através de ti?
Açor encolheu um ombro. — Gostam do que eu lhes dou. Há muitas moças com fome por aí. Eu não poderia, em boa consciência, rejeitá-las. Perturbar-me-ia a cabeça.

— Julgo saber exatamente que cabeça te perturbaria — disse Grimm secamente. — Precisamente a mesma que te irá meter em grandes sarilhos um dia.

— O que desejaste tu, Grimm? — Açor ignorou a advertência com a atitude “o diabo que o carregue” que era seu mister no que às moças tocava.

Um sorriso vagaroso abriu-se no rosto de Grimm. — Uma moça que não te queira. Um encanto de moça, nã, uma bela sem igual, engenhosa e sabedora até mais não. Uma moça com um rosto perfeito e um corpo perfeito, e um perfeito “não” nos perfeitos lábios para ti, meu oh-tão-perfeito amigo. E desejei também que me permitissem assistir à batalha.

Açor sorriu com presunção. — *Jamais* acontecerá.

* * *

O vento soprando docemente através dos pinhais carregou consigo uma voz desencarnada pairando numa brisa de jasmim e sândalo. E essa voz proferiu então umas palavras risonhas que nenhum homem escutou. — *Penso que isso se pode providenciar.*

A mística ilha de Morar jazia encoberta pelo anoitecer, as areias de sílica irradiando um brilho de prata sob as botas do Rei Finnbheara que andava de um lado para o outro, aguardando com impaciência o retorno do bobo da corte.

A Rainha e os seus cortesãos favoritos celebravam folgazãos o *Beltane* numa remota aldeia das *Highlands*. Ver a sua fada Aoibheal dançar e namoriscar com os mortais *highlanders* aticara-lhe o ciúme adormecido ao ponto da ira vigilante. Fugira às fogueiras do *Beltane* não fosse sucumbir ao desejo de aniquilar toda a aldeia. De momento estava por demais irritado com os mortais para confiar em si mesmo em tais cercanias. O mero pensamento da sua Rainha com um homem mortal enchia-o de fúria.

Tal como a Rainha das fadas tinha os seus favoritos entre os seus cortesãos, também o Rei das fadas tinha; o manhoso bobo da corte era de há muito seu companheiro de aventuras. Despachara o bobo a estudar o mortal Açor, para recolher informação de forma que pudesse tramar condigna vingança para o homem que ousara trespassar território de fadas.

— A sua virilidade a meia-haste faria a inveja de um garanhão... clama a alma de uma mulher. — O Rei Finnbheara imitou as palavras da sua Rainha num sarcástico falsete, e cuspiu irritado.

— Receio que seja verdade — disse o bobo categoricamente assoando da sombra de uma sorveira-brava.

— Deveras? — O Rei Finnbheara fez uma careta. Convencera-se de que Aoibheal embelezara o seu quê... afinal de contas, o homem era mortal.

O bobo fez uma carranca. — Passei três dias em Edimburgo. O homem é uma lenda viva. As mulheres batem-se por ele. Dizem o seu nome como se fosse algum encantamento místico com garantido outorgar de eterno êxtase.

— Viste-o? Com os teus próprios olhos? É belo? — apressou-se o Rei a perguntar.

O bobo assentiu e a sua boca retorceu-se amargamente. — Não tem mácula. É mais alto que eu...

— Tu tens bem mais de seis pés de altura com esse disfarce! — objetou o Rei.

— Ele tem quase um palmo mais que eu. Tem cabelo asa de corvo que usa em lustroso rabo de cavalo; ardentes olhos negros; a perfeição cinzelada de um jovem deus e o corpo de um guerreiro *viking*. É revoltante. Posso mutilá-lo, meu soberano? Desfigurar o seu semblante perfeito?

O Rei Finnbheara ponderou esta informação. Sentiu uma agonia na boca do estômago à ideia deste sombrio mortal tocando os lindos membros da sua Rainha, dando-lhe incomparável prazer. *Clamando a sua alma*.

— Matá-lo-ei por ti — ofereceu o bobo esperançosamente.

O Rei Finnbheara esboçou um gesto de impaciência. — Bobo! E quebrarás o Preto entre as nossas duas raças? Não. Tem de haver outra maneira.

O bobo encolheu os ombros. — Acaso nos devêssemos recostar e nada fazer. Açor está em vias de sofrer pela mão da sua própria raça. Está comprometido por decreto do seu rei mortal. A destruição está prestes a cair sobre ele. Vê bem, meu soberano, o Rei James ordenou a Açor que desposasse uma mulher chamada Janet Comyn. O rei deixou claro que, se Açor não desposar essa mulher, ele destruirá os clãs Douglas e Comyn.

— E daí? Onde queres tu chegar? — perguntou Finnbheara impaciente.

— Janet Comyn está morta. Morreu hoje.

Finnbheara crispou-se de imediato. — Causaste-lhe dano, bobo?

— Não, meu soberano! — O bobo lançou-lhe um olhar magoado. — Ela morreu às mãos de seu pai. Eu não mais lhe pus a ideia na cabeça do que no *sporrán*⁶ a chave da torre onde ela permanecia enclausurada.

— Isso significa que lhe puseste ou não a ideia na cabeça? — perguntou o Rei, desconfiado.

— Vamos lá, meu soberano — amouou o bobo —, julgas que iria recorrer a tais ardis e pôr-nos em risco a todos nós?

Finnbheara uniu as pontas dos dedos e estudou o bobo. Imprevisível, ladino, e descuidado, o bufão ainda nunca fora tolo bastante para pôr a raça deles em risco. — Continua.

O bobo inclinou a cabeça e o seu sorriso brilhou à meia-luz. — É simples. O casamento já não pode ter lugar. O Rei James irá destruir os Douglas. Oh, os Comyn também — acrescentou irreverentemente.

⁶ Bolsa de couro ou de peles, normalmente com adornos de prata ou outro material, usada à cintura pelos antigos escoceses das Terras Altas. (N. da T.)

— Ah! — Finnbheara debateu-se por um pensativo momento. Não teria de levantar um dedo que o Açor não tardaria a morrer.

Mas não era o bastante, espumou. Finnbheara queria a sua própria mão na destruição do Açor. Sofrera um insulto pessoal, e queria uma vingança intimamente pessoal. Nenhum homem mortal fazia do Rei das Fadas um cornudo, sem retribuição divina — e quão divinal seria destruir o Açor!

O vislumbre de uma ideia começava a tomar forma na sua mente. Ao considerá-la, o Rei Finnbheara sentiu-se com uma vitalidade que não sentia há séculos.

Ao bobo não escapou o sorriso presumido que acirrou os lábios do Rei.

— Maquinas algo. O que planeias, meu soberano? — perguntou.

— Silêncio — ordenou o Rei Finnbheara. Esfregou pensativamente a mandíbula enquanto analisava as suas opções, refinando cuidadosamente a sua trama.

Se o tempo passou enquanto Finnbheara maquinava, nenhuma fada reparou; o tempo pouco significava para a raça de seres que por ele se podiam deslocar a seu bel-prazer. As primeiras cores do alvorecer pintavam o céu sobre o mar quando o Rei falou de novo:

— O Açor já alguma vez amou?

— Amou? — ecoou o bobo sem entender.

— Sabes, essa emoção à conta da qual os mortais compõem sonetos, travam guerras, erigem monumentos — disse o Rei secamente.

O bobo refletiu por um momento. — Eu diria que não, meu Rei. O Açor jamais cortejou mulher que não conquistasse, nem parece que jamais desejasse mulher alguma em especial acima de outra.

— Mulher alguma se lhe negou? — perguntou o Rei Finnbheara com um laivo de incredulidade.

— Não que eu descobrisse. Não me parece que haja mulher viva no século XVI capaz de se lhe negar. Digo-te eu, o homem é uma lenda. As mulheres consomem-se por ele.

O Rei esboçou um sorriso cobiçoso. — Tenho uma missão mais para ti, bobo.

— Seja o que for, meu soberano. Deixa-me matá-lo.

— Não! Não haverá sangue derramado pela nossa mão. Escuta-me cuidadosamente. Viaja através dos séculos. Vai para diante... as mulheres são mais independentes e senhoras de si lá. Encontra-me uma mulher que seja irresistível, refinada, inteligente, forte; uma que saiba o que quer. Atenta bem, deve ser uma mulher que não perca o tino ao ser arremessada através do tempo, deverá ser capaz de adaptar-se a acontecimentos estra-

nhos. De nada serviria trazê-la para ele com os miolos destrambelhados. Ela deverá acreditar num pouco de magia.

O bobo assentiu. — Isso é bem verdade. Recordas-te daquela contabilista que fizemos recuar até ao século XII? Virou doida varrida.

— Exatamente. A mulher que encontrares deverá estar algo acostuada ao fora do comum de modo que possa aceitar o viajar no tempo sem perder o tino. — Finnbehear ruminou isto por um momento. — Já sei! Procura em Salém, onde ainda acreditam em bruxas, ou porventura em Nova Orleães, onde a antiga magia fervilha no ar.

— Perfeitos lugares! — entusiasmou-se o bobo.

— Mas, mais importante que tudo, deverás encontrar-me uma mulher que acalente um ódio especial por homens belos e mulherengos; uma mulher que garantidamente torne a vida desse mortal num inferno vivo.

O bobo sorriu diabolicamente. — Posso embelezar o teu plano?

— Dele és parte crucial — disse o Rei com sinistra promessa.

Adrienne de Simone arrepiou-se, embora estivesse um entardecer invulgarmente quente em Seattle. Enfiou uma camisola pela cabeça abaixo e fechou as portas francesas. Olhou através do vidro e viu a noite descer sobre o jardim que se estendia em selvagem liberdade para lá do caminho.

À luz que esmorecia vistoriou o muro de pedra que protegia a sua casa no número 93 de Coattail Lane, e dirigiu então o metódico escrutínio para as sombras sob os imponentes carvalhos, em busca de qualquer movimento fora do vulgar. Inspirou fundo e obrigou-se a relaxar. Os cães de guarda que patrulhavam o terreno estavam calmos — deveria estar tudo em segurança, assegurou-se firmemente.

Inexplicavelmente tensa, introduziu o código no quadro do alarme que ativaria os detetores de movimento estrategicamente montados pelo relvado de um acre. Qualquer movimento não aleatório com mais de quarenta e cinco quilos de massa e um metro de altura faria disparar os detetores, embora o estridor não chamasse a Polícia ou qualquer agência de segurança.

Adrienne mais depressa correria para a sua arma do que para o telefone. Chamaria o próprio diabo antes de sequer sonhar em ligar à Polícia. Embora houvessem passado seis meses, Adrienne ainda se sentia como se não pudesse afastar-se o suficiente de Nova Orleães, nem mesmo que se mudasse para lá de um oceano ou dois, coisa que não podia fazer fosse como fosse; a percentagem de foragidos apanhados a tentar deixar o país era chocantemente elevada.

Era mesmo isso que ela era?, maravilhou-se. Nunca deixava de a aturdir, mesmo ao fim destes meses todos. Como podia ela — Adrienne de Simone — ser uma foragida? Sempre fora uma cidadã honesta e respeitadora da lei. Tudo o que jamais pedira da vida fora uma casa e um lugar bem seu; alguém que amasse e que a amasse a ela; filhos um dia — filhos que jamais abandonaria para um orfanato.

Encontrara tudo isso em Eberhard Darrow Garrett, o supprassumo da sociedade de Nova Orleães, ou ela assim pensara.

Adrienne bufou enquanto vistoriava o relvado por uma última vez e correu então os reposteiros sobre as janelas. Uns anos antes o mundo parecera-lhe um lugar tão diferente; um lugar maravilhoso, pleno de promessa, excitação, e possibilidades sem fim.

Armada apenas do seu espírito irreprimível e de trezentos dólares em dinheiro, Adrienne Doe inventara um apelido para si própria e fugira do orfanato no dia em que completara dezoito anos. Ficara empolgada ao descobrir que havia empréstimos estudantis a que qualquer um se podia candidatar, mesmo alguém tão pouco digno de crédito como uma órfã. Arranjara trabalho como empregada de mesa, matriculara-se na faculdade e embarcara na sua demanda de fazer algo de si própria. O quê ao certo, não sabia bem, mas sempre tivera a sensação de que algo de especial a esperava ao virar da próxima esquina.

Tinha vinte anos, frequentava o segundo ano da faculdade, quando se dera essa coisa especial. A trabalhar no Blind Lemon, um elegante bar-restaurant, Adrienne fora alvo do olhar, do coração e do anel de noivado do sombriamente atraente e abastado Eberhard Darrow Garrett, o solteiro da década. Tinha sido o perfeito conto de fadas. Passara meses em nuvens de felicidade.

Quando as nuvens se haviam começado a dissipar aos seus pés, recusara-se a atentar bem, recusara-se a admitir que o príncipe de conto de fadas bem poderia ser um príncipe de coisas mais negras.

Adrienne fechou os olhos com força, desejando, com um piscar de olhos, poder arredar da sua existência algumas más recordações. Quão ingênua fora! Quantas desculpas inventara — para ele, para si própria — até finalmente ter de fugir.

Um minúsculo miado trouxe-a de volta ao presente e sorriu para a única coisa boa que sobrara disso tudo; a sua gatinha, Moonshadow, uma prematura gata vadia que encontrara junto de um posto de gasolina em viagem para o norte. Moonie roçou-se nos seus tornozelos e ronronou entusiasticamente. Adrienne pegou na felpuda criaturinha, apertando-a contra si. Amor incondicional, tal era a dádiva que Moonie lhe dera. Amor sem reservas ou subterfúgios — pura afeição sem lados mais sombrios.

Adrienne cantarolou em surdina enquanto afagava as orelhas de Moonie, depois calou-se subitamente quando um débil arranhar lhe chamou a atenção para as janelas de novo.

Perfeitamente imóvel, esperou, agarrada a Moonie, sustendo a respiração.

Mas apenas havia silêncio.

Deveria ter sido um galho a roçar o telhado, decidiu. Mas, não tinha mandado cortar todos os ramos em redor da casa quando se mudara para ali?

Adrienne suspirou, abanou a cabeça, e ordenou aos músculos que relaxassem. Quase o conseguira já quando lá em cima estalou uma tábua do chão. Retesou-se instantaneamente. Largou Moonie num *maple* e olhou atentamente o teto ao mesmo tempo que o estalido se fazia ouvir de novo.

Talvez fosse apenas a estrutura da casa.

Tinha mesmo de superar estes medos patetas.

Quanto tempo teria de passar até deixar de ter medo de se virar e dar com Eberhard ali postado com o seu sorriso ligeiramente trocista e a arma lustrosa?

Eberhard estava morto. Estava a salvo, sabia que estava.

Então porque se sentia ela tão horrivelmente vulnerável? Ao longo dos últimos dias andava com a sufocante sensação de que alguém a espiava. Por mais que tentasse tranquilizar-se que fosse quem fosse que lhe desejasse mal estava morto — ou não a sabia viva —, não deixava de sentir-se consumida por um mal-estar mórbido. Cada instinto seu a advertia de que algo de terrivelmente errado se passava — ou estava em vias de se passar. Tendo crescido na Cidade das Assombrações — na opressiva, supersticiosa, mágica Nova Orleães —, Adrienne aprendera a escutar os seus instintos. Eram quase sempre por demais certos.

Os seus instintos até a respeito de Eberhard tinham sido certos. Tivera um mau pressentimento a respeito dele desde o princípio, mas convencera-se de que era a sua própria insegurança. Eberhard era o partido de Nova Orleães; naturalmente, uma mulher podia sentir-se vacilar ligeiramente com um homem assim.

Só bastante mais tarde se apercebera de que estivera só tanto tempo, e desejara tão desesperadamente o conto de fadas, que tentara forçar a realidade à medida dos seus desejos, em vez de fazer o contrário. Pregara tantas mentirinhas a si própria antes de finalmente enfrentar a verdade de que Eberhard não era o homem que ela pensava ser. Fora tão pateta.

Adrienne inspirou profundamente o ar primaveril que soprava gentilmente da janela atrás dela, e então encolheu-se e girou abruptamente. Olhou cautelosamente os cortinados a adejar. Não tinha fechado aquela

janela? Estava certa disso. Fechara-as a todas, mesmo antes de fechar as portadas. Adrienne aproximou-se cuidadosamente da janela, fechou-a rapidamente e trancou-a.

Eram nervos, nada mais. Rosto algum espreitava pelo vidro para ela, nenhum cão ladrava, nenhum alarme soava. De que valia tomar tantas precauções se não era capaz de relaxar? Não podia *de todo* haver alguém lá fora.

Adrienne obrigou-se a afastar-se da janela. Ao atravessar a sala deu com o pé num pequeno objeto e fê-lo deslizar pelo tapete *Oushak* já coçando, indo deter-se com um estalido contra a parede.

Adrienne olhou-o de relance e encolheu-se. Era uma peça do jogo de xadrez de Eberhard, o que ela surripicara de sua casa em Nova Orleães na noite em que fugira. Esquecera-se completamente dele depois de se ter mudado para ali. Metera-o num caixote — um daqueles empilhados a um canto que nunca se dispusera a desempacotar. Talvez Moonie tivesse arrastado as peças para fora, cismou, havia várias delas espalhadas pelo tapete.

Apanhou a peça a que dera um pontapé e rolou-a cuidadosamente entre os dedos. Vagas de emoção submergiram-na; um mar de vergonha e raiva e humilhação, culminado por um implacável medo de não se encontrar a salvo ainda.

Uma corrente de ar beijou-lhe a nuca e retesou-se, apertando a peça de xadrez com tanta força que a coroa da rainha negra se lhe enterrou cruelmente na palma da mão. A lógica insistia que as janelas atrás dela estavam fechadas — ela *sabia* que estavam fechadas — e, contudo, o instinto dizia-lhe o contrário.

A Adrienne racional *sabia* que não havia ninguém na sua biblioteca senão ela própria e uma gatinha a dormir. A Adrienne irracional vacilava no limiar do terror.

Rindo nervosamente, censurou-se por ser tão assustadiça, depois amaldiçoou Eberhard por a deixar assim. *Não* sucumbiria à paranoia.

Tombando de joelhos sem sequer um olhar de relance para trás, Adrienne arrebanhou num monte as peças de xadrez espalhadas. Não gostava mesmo de tocar nelas. Uma mulher não podia passar a infância em Nova Orleães — grande parte dela aos pés de uma contadora de histórias crioula que vivia atrás do orfanato — sem se tornar uma grande supersticiosa. O jogo era antigo, um jogo original *viking*; clamava uma antiga lenda que era amaldiçoado, e a vida de Adrienne já fora amaldiçoada bastante. O único motivo por que lhe deitara mão fora para o caso de vir a precisar de dinheiro vivo com urgência. Feito de marfim de morsa e ébano, valeria um preço exorbitante para um colecionador. Além disso, não o merecera ela, depois de tudo o que ele a fizera passar?

Adrienne resmungou baixinho uma colorida invetiva a respeito de homens bonitos. Não era moralmente aceitável que alguém tão mau como Eberhard fosse tão atraente à vista. A justiça poética clamava o contrário — não deveriam os rostos das pessoas refletir os seus corações? Fosse Eberhard tão feio por fora como ela tardiamente descobrira que era por dentro, jamais teria acabado no lado errado da arma. Claro está, Adrienne aprendera da pior forma que qualquer lado de uma arma era o lado errado.

Eberhard Darrow Garrett era um lindo e mulherengo embusteiro — e arruinara-lhe a vida. Apertando a rainha negra com força fez a si própria uma firme promessa. — Jamais tornarei a andar com um homem bonito, enquanto viver e respirar. Odeio homens bonitos. Odeio!

* * *

Para lá das portas francesas do número 93 de Coattail Lane, um homem insubstancial, uma criatura que os dispositivos feitos pelo Homem não tinham possibilidade de detetar ou conter, ouviu as palavras dela e sorriu. A sua escolha foi feita com lesta certeza — Adrienne de Simone era definitivamente a mulher que ele procurava.

Adrienne não fazia ideia de como acabara ao colo do homem. Ideia alguma.

Num instante estava perfeitamente sã — talvez ligeiramente neurótica, mas firmemente convencida da sua sanidade fosse como fosse — e no instante seguinte o chão desapareceu-lhe debaixo dos pés e foi sugada por uma das tocas de coelho da Alice abaixo.

O seu primeiro pensamento foi que devia estar a sonhar; uma vívida e horripilante incursão ao subconsciente no mais bárbaro pesadelo.

Mas aquilo não fazia qualquer sentido; apenas momentos antes, estava a fazer festas a Moonshadow ou a fazer... algo... o quê? Não podia simplesmente ter adormecido sem sequer dar por isso!

Talvez tivesse tropeçado e batido com a cabeça, e esta alucinação fosse o sonhador resultado de uma concussão.

Ou talvez não, inquietou-se ao olhar à sua volta para a cavernosa sala cheia de gente estranhamente vestida falando uma versão mutilada da língua inglesa.

Pronto, Adrienne, cismou sobriamente. Passaste-te finalmente, e ainda estás a espernear. Adrienne esforçou-se por focar a vista, que lhe parecia estranhamente pesada. O homem que a agarrava era nojento. Era uma besta aos arrotos com braços gordos e uma grande pança, e tresandava.

Apenas há uns momentos estava na biblioteca, não estava?

Uma mão sebosa apertou-lhe um seio e fê-la soltar um grito. O envergonhado ultraje levou a palma ao aturdimento quando a mão dele deliberadamente lhe roçou a ponta do mamilo através da camisola. Mesmo que fosse um sonho, não podia permitir que uma coisa daquelas se passasse sem mais. Abriu a boca para uma invetiva mordaz, mas ele antecipou-se-lhe. A sua boca cor-de-rosa naquela massa emaranhada de cabelo abriu-se num rotundo *O. Santo céu*, o homem ainda nem sequer acabara de mastigar, e estava-se mesmo a ver — os poucos dentes que lhe restavam eram troncados e castanhos.

Foi com repulsa que Adrienne limpou bocados de galinha e cuspo da cara quando ele rugiu, mas foi com genuíno alarme que compreendeu as suas palavras, por entre o seu cerrado sotaque.

Ela era uma dádiva divina, proclamou ele vivamente para a sala. Era um presente dos anjos.

Casar-se-ia amanhã.

Adrienne desmaiou. O seu corpo inconsciente sofreu um espasmo e quedou-se inerte. A rainha negra deslizou-lhe da mão, caiu no chão, e foi mandada para baixo de uma mesa pelo arrastar de uma bota de couro.

Quando acordou, Adrienne estava deitada imóvel, os olhos bem cerrados. Sob as costas sentiu os altos e baixos do espesso colchão de penas. Podia ser a sua própria cama. Comprara colchões antigos e mandara-os coser de novo para pôr por cima da sua cama Queen Anne, que lhe dava pela cintura. Era apaixonada por antiguidades, inquestionavelmente.

Fungou cautelosamente. Nada dos odores esquisitos do banquete com que sonhara. Nem um zumbido daquele cerrado sotaque que imaginara antes.

Mas nem sinal de trânsito também.

Apurou os ouvidos, escutando com toda a força. Já alguma vez ouvira silêncio tal?

Adrienne inspirou de um fôlego entrecortado e intentou que o coração se aquietasse.

Bateu no colchão granuloso. Era assim que se fazia aparecida a insanidade? Começando com um vago laivo de mal-estar, uma medonha sensação de estar a ser observada, escalando então rapidamente para um pleno ataque de loucura, para simplesmente culminar num pesadelo em que uma besta cabeluda e malcheirosa anunciava as suas iminentes núpcias?

Adrienne cerrou os olhos com mais força ainda, intentando retornar ao estado de sanidade. A silhueta de um jogo de xadrez assomou-lhe ao espírito; torres de batalha e amargas rainhas nitidamente gravadas no interior das suas pálpebras, e parecia haver algo urgente de que se deveria lembrar. O que estava ela a fazer?

Doía-lhe a cabeça. Era uma espécie de dor surda, acompanhada de um sabor acre no fundo da garganta. Por um momento debateu-se contra ela, mas o latejar intensificou-se. O jogo de xadrez dançou fugidamente numa nuvem de negro e branco, e dissolveu-se num longínquo detalhe irritante. Não poderia ter sido tão importante assim.

Adrienne tinha coisas mais prementes com que se preocupar — onde diabo estava ela?

Manteve os olhos fechados e esperou. Uns momentos mais e ouviria o ronronar de um *BMW* deslizando por Coattail Lane abaixo ou o toque estrepitoso do telefone...

Galo *algum* acabara de cacarejar.

Mais um minuto e ouviria o *miaaau* interrogador de Moonie, e sentiria a sua cauda roçando-lhe o rosto quando saltasse para cima da cama.

Não ouviu o ranger de gonzos enferrujados, o raspar de uma porta no chão de pedra.

— Milady, sei que estais acordada.

Os seus olhos abriram-se de um golpe para dar com uma mulher corpulenta com cabelo castanho raiado de prata e faces rosadas, torcendo as mãos, postada aos pés da cama. — Quem é a senhora? — perguntou Adrienne a medo, recusando-se a olhar fosse para onde fosse mais no quarto do que para o ponto imediato que continha esta recente aparição.

— Bah! Quem sou *eu*, pergunta ela? A moça que aparece do nada, puf, como uma bruxa nem mais, deseja saber quem sou eu? Hmmf!

Com isso, a mulher pousou um prato de comida com um odor peculiar numa mesa ali próxima, e forçou Adrienne a endireitar-se ajeitando-lhe as almofadas atrás das costas.

— Eu sou Talia. Fui mandada atender-vos. Comei. Nunca haveis de ter força bastante para desposá-lo se não comerdes — admoestou.

Com essas palavras e um bom olhar de relance às paredes de pedra, cobertas de tapeçarias vivamente coloridas representando caçadas e orgias, Adrienne desmaiou de novo — desta vez, com prazer.

Adrienne acordou de novo face a uma data de criadas carregando roupas de baixo, meias, e um vestido de casamento.

As mulheres banharam-na em água perfumada diante de uma descomunal lareira de pedra. Enroscada bem dentro da profunda tina de madeira, Adrienne examinou cada centímetro do quarto. Como podia um sonho ser tão vívido, tão rico de odores e tato e sons? A água do banho cheirava a urze fresca e lilás. As criadas tagarelavam alegremente enquanto lhe davam banho. A lareira de pedra era bem da altura de três homens — erguia-se a beijar o teto e estendia-se por metade da parede leste. Ostentava uma profusão de artísticos adornos de prata; delicados cestos de filigrana, requintadas rosas que brilhavam como prata fundida, mas com cada pétala diferente da outra e aparência algo aveludada. Acima da gran-

de cornija, grosseiramente talhada de carvalho cor de mel, pendia uma cena de caça representando uma sangrenta vitória.

A sua inspeção foi interrompida pelo ranger da porta. Chocados susteres de fôlego e vozes logo silenciadas levaram-na a olhar por sobre o ombro nu, e também ela susteve audivelmente o ar. O rústico com o tapete emaranhado no rosto! As faces inflamaram-se-lhe de embaraço e afundou-se mais na tina.

— Milorde, este não é lugar para vós... — começou uma criada.

A palmada ressoou por todo o quarto, silenciando o protesto da criada e detendo qualquer um mais antes sequer que considerassem fazê-lo. A grande besta sebosa da cena anterior do seu pesadelo deixou-se cair agachada diante da tina fumegante, com um olhar de esguelha no rosto. Olhos azuis rasgados cruzaram-se com cinza-aço quando Adrienne lhe susteve o rude olhar sem vacilar.

Os olhos dele desviaram-se dos dela, baixaram-se para dentro da tina e sondaram debaixo de água. Abriu-se num sorriso à vista dos mamilos rosados antes que ela cruzasse os braços e abraçasse o corpo com força.

— Parece-me cá que ele não fica nada mal servido — murmurou o homem. Depois, arredando os olhos da água para o rosto afoqueado de Adrienne, ordenou, — Doravante, o teu nome é Janet Comyn.

Adrienne lançou-lhe um olhar altivo. — O meu nome — retorquiu — é Adrienne de Simone.

Zás!

Levou uma mão ao rosto, incrédula. Uma criada deixou escapar uma advertência abafada.

— Tenta-o de novo — aconselhou ele suavemente, e, por muito suaves que fossem as suas palavras, os seus olhos azuis eram perigosamente duros.

Adrienne esfregou a face a arder, em silêncio.

E a mão dele ergueu-se e tombou de novo.

— Milady! Imploramo-vos! — Uma criadita tombou de joelhos ao lado da tina, pousando uma mão no ombro nu de Adrienne.

— Isso mesmo, aconselha-a, Bess. Tu sabes o que acontece a uma moça tola bastante para me contrariar. Di-lo — repetiu para Adrienne. — Diz-me que o teu nome é Janet Comyn.

Quando a sua mão carnuda se ergueu e tombou de novo, foi-se abater no rosto de Bess com fúria. Adrienne gritou ao vê-lo agredir repetidamente a criada.

— Pare! — gritou.

— Di-lo! — ordenou ele ao mesmo tempo que a sua mão se erguia e tombava de novo. Bess soluçou e encolheu-se no chão, mas o homem foi atrás dela, com o punho agora cerrado.

— O meu nome é Janet Comyn! — gritou Adrienne, soerguendo-se na tina.

O punho do senhor de Comyn estacou em pleno ar, e ele agachou-se outra vez, com um brilho de vitória nos olhos. Vitória — e aquele repulsi-vo, vagaroso perscrutar do seu corpo.

Adrienne corou face à pura lascívia daqueles olhos pálidos, e mergu-llhou o tronco de novo dentro de água.

— Nã, ele não sai nada mal da barganha. És bem mais formosa do que a minha Janet. — A sua boca retorceu-se num sorriso. — Quem me dera ter tempo para provar tão fofas almofadas eu mesmo, mas chegaste mesmo em cima da hora.

— Cheguei onde?

— Chegaste *donde* pergunto eu — contrapôs ele. Adrienne aperce-beu-se nesse instante de que subestimar este brutamontes seria um grave erro. Pois por detrás dos modos relaxados e da aparência mal cuidada ha-via um temperamento de aço e um espírito aguçado qual florete. O braço balofo que desferira os golpes escondia músculo. Os pálidos olhos rasga-dos que vagueavam desassossegados nada perdiam. Ele não punira Bess de fúria. Agredira-a numa fria e calculista manobra de obter o que queria de Adrienne.

Abanou a cabeça, os olhos esbugalhados de confusão. — A sério, não faço a mínima ideia de como aqui cheguei.

— Não sabes de onde vieste?

Bess soluçava suavemente, e os olhos de Adrienne toldaram-se ao ver a criada enroscar-se numa bola e sub-repticiamente tentar afastar-se do amo. A mão dele saiu disparada e fechou-se sobre o tornozelo da criada. Bess choramingou de desespero.

— Oh nã, minha linda. Ainda posso precisar de ti. — Os seus olhos varreram-lhe o corpo trémulo com um possessivo olhar de esguelha. Adrienne arquejou quando ele puxou pelo vestido de Bess e tratou de lho arrancar do corpo. O estômago revolveu-se-lhe de agonia ao ver os gran-des vergões que marcavam a palidez dos flancos e coxas da criada. Cruéis e pronunciadas vergastadas de cinto ou chicote.

As outras criadas fugiram do quarto, deixando-a sozinha com a cho-rosa Bess e o louco.

— Este é o meu mundo, Adrienne de Simone — entoou ele, e Adrien-ne teve uma premonição de que as palavras que estava prestes a proferir lhe ficariam indelevelmente gravadas na mente por muito tempo. Ele afa-gou ao de leve a coxa trémula de Bess. — As minhas regras. A minha gen-te. A minha vontade para comandar a vida e a morte. Tua e dela. É simples o que quero de ti. Se não colaborares, ela morre. Depois outra e mais outra

ainda. Descobrirei o verdadeiro cerne dessa tola compaixão que usas à laia de mortalha. Torna-te tão fácil de manejar. Mas as mulheres são assim. Fracas.

Adrienne sentou-se recurvada em silêncio, a sua penosa respiração a acompanhar os soluços exaustos de Bess.

— Caluda, moça! — Ele esbofeteou a criada no rosto, que se enroscou ainda mais numa bola, chorando para dentro das mãos para abafar o som.

Um dia matá-lo-ei com as minhas próprias mãos, jurou Adrienne silenciosamente.

— Não sei como vieste aqui parar ou quem és, e, francamente, não quero saber. Tenho um problema, e tu vais solucioná-lo. Se alguma vez te esqueceres do que estou prestes a dizer-te, se alguma vez cometeres um deslize, se alguma vez me traíres, matar-te-ei depois de ter destruído tudo o que te é caro.

— Onde estou eu? — perguntou ela inexpressivamente, dando voz relutante a uma das perguntas que a importunavam. Receava, uma vez que começasse a fazer perguntas, descobrir que isto não era sonho nenhum afinal de contas.

— Não quero saber se és louca — casquinou ele apreciativamente. — Certo é que até me deleita pensar que tenhas morcegos a adejar no teu campanário. Sabe Deus, a minha Janet tinha. Não é nem mais nem menos do que ele merece.

— Onde estou eu? — insistiu ela.

— Janet a custo se lembrava disso, também.

— E então, onde estou eu?

O senhor de Comyn estudou-a, depois encolheu os ombros. — Na Escócia. No castelo de Comyn... no *meu* castelo.

O coração parou de bater-lhe dentro do peito. Não era possível. Teria endoidecido mesmo? Adrienne encheu-se de coragem para fazer a pergunta seguinte — a pergunta óbvia, a aterrorizadora pergunta que diligentemente evitara desde que acordara. Aprendera que por vezes é mais seguro não fazer demasiadas perguntas — as respostas podem ser por demais perturbadoras. Obter a resposta para esta pergunta poderia colidir com a sua frágil réstia de razão; Adrienne tinha uma suspeita de que *onde* estava não era exatamente o seu único problema. Inspirando fundo, perguntou cuidadosamente, — Em que ano estamos?

O senhor de Comyn soltou uma gargalhada. — És mesmo um pouquinho apatetada, não és, moça?

Adrienne olhou-o, fulgurante, em silêncio.

Ele encolheu os ombros de novo. — Estamos em mil quinhentos e treze.

— Oh — disse debilmente Adrienne. *Ohmeudeusohomeudeus*, gemeu nos confins da sua mente rodopiante. Inspirou fundo, devagar, e disse a si mesma para começar do princípio deste mistério; talvez pudesse ser decifrado. — E quem é o senhor exatamente?

— Para todos os intentos e propósitos, sou teu pai, moça. Essa é a primeira das muitas coisas que jamais poderás esquecer.

Um soluço entrecortado abstraiu temporariamente Adrienne dos seus problemas. Pobre maltratada Bess; Adrienne não suportava ver uma pessoa em sofrimento, não se pudesse fazer alguma coisa a esse respeito. Este homem queria alguma coisa dela; talvez pudesse negociar alguma coisa em troca. — Deixe partir a Bess — disse.

— Assim me votas a tua fidelidade? — Ele tinha os olhos vazios de uma cobra, constatou Adrienne. Como a pitão do jardim zoológico de Settle.

— Deixe-a partir deste castelo. Dê-lhe a sua liberdade — clarificou.

— Nã, milady! — guinchou Bess, e a besta casquinou cordialmente.

Os seus olhos mostravam-se solícitos quando bateu na perna de Bess. — Parece-me cá, Janet Comyn, que não entendes grande coisa deste mundo. Liberta-a de mim e condena-la a morrer de fome, estupro, ou pior. Liberta-a das minhas “amorosas atenções” e o homem que se seguir acaso não será tão amoroso. O teu próprio esposo acaso não será tão amoroso.

Adrienne sentiu-se violentamente tomada de arrepios enquanto se debatia por tirar os olhos da papuda mão branca que desferia rítmicos afagos. A fonte do sofrimento de Bess era a mão que a alimentava. Que a “protegia”. Sentiu a bílis subir-lhe à garganta, quase a sufocando.

— Afortunadamente, ele já te julga louca, portanto podes falar à tua vontade deste dia em diante. Mas hoje, desde o alvorecer ao crepúsculo, jurarás que és Janet Comyn, única filha de sangue do poderoso Red Comyn, noiva juramentada de Sidheach Douglas. Viverás todo este dia como eu te digo...

— Mas então a verdadeira Janet? — não conseguiu ela deixar de perguntar.

Zás! Como lograra o homem bater-lhe antes que ela pudesse sequer pestanejar? Postado, trémulo de raiva, acima dela, ele disse, — Os próximos golpes não te irão para a cara, cabra, pois que o vestido não chega lá. Mas há maneiras de bater que fazem doer mais que tudo, e não deixam marca. Não me forces.

Adrienne permaneceu então silenciosa e obediente durante todas as coisas que ele lhe contou. A sua mensagem era simples. Se ela se mantivesse silenciosa e obediente, permanecerá viva. Sonho ou não, os golpes ali faziam doer, e ela tinha a impressão de que morrer ali também faria doer.

Ele contou-lhe coisas, então. Centenas de pormenores que ele esperava que ela guardasse na memória. Ela fê-lo com determinação; isso impedia-a temporariamente de contemplar a plena extensão da sua aparente insanidade. Repetiu cada pormenor, cada nome, cada memória que não era sua. Só de observar cuidadosamente o seu “pai”, podia adivinhar muitas das memórias que haviam pertencido à mulher cuja identidade iria agora assumir.

E, enquanto isso, um suave mantra ecoava-lhe nas profundezas da mente. *Isto não pode estar a acontecer. Isto não é possível. Isto não pode estar a acontecer.* Contudo, em primeiro plano na sua mente, realista como era, ela entendia que as palavras *não pode* e *impossível* não tinham razão de ser quando o impossível estava de facto a acontecer.

A menos que acordasse e depressa de um horrendo e vívido sonho, estava na Escócia, no ano de 1513, e ia de facto casar-se.

— É alta como Janet.

— Não tão alta como ela.

— Psiu! Ela *é* Janet! De contrário ele pedirá as nossas cabeças em bandejas.

— O que aconteceu a Janet? — perguntou Adrienne suavemente. Não ficou surpreendida quando as bocas de meia-dúzia de criadas se fecharam rapidamente e elas votaram toda a sua atenção a vesti-la em perfeito silêncio.

Adrienne revirou os olhos. Se não lhe iam dizer uma coisa que fosse a respeito de Janet, talvez falassem do seu noivo.

— Então, quem é este homem com quem eu vou casar? — *Sidhawk Douglas. Que espécie de nome era Sidhawk fosse como fosse?*

As criadas riram à socapa como um bando de codornizes assustadas.

— A verdade, milady, é que apenas ouvimos contar histórias a seu respeito. Este noivado foi ordenado pelo Rei James em pessoa.

— Que histórias são essas? — perguntou Adrienne retorcidamente.

— As suas proezas são lendárias!

— As suas conquistas são inúmeras. Corre o rumor de que ele tem viajado mundo afora acompanhado das mais belas moças.

— Diz-se que nã há formosa moça em toda a Scotia que ele nã tenha feito rebolar...

— ...e em Inglaterra, também!

— ...e que ele nã logra recordar nem um dos seus nomes.

— Diz-se que ele tem uma beleza de deus, e mão exímia na fina arte da sedução.

— Que ele é fabulosamente rico e correm rumores de que o seu castelo é incomparavelmente luxurioso.

Adrienne pestanejou. — Maravilhoso. Um materialista, infiel e belo marialva, inconsiderado, caprichoso de má memória. E é todo meu. Doce

Deus meu, que fiz eu para merecer isto? — interrogou-se em voz alta. *Por duas vezes*, ruminou em privado.

Lisbelle olhou-a com curiosidade. — Mas dizem os rumores que ele é um amante magnífico e sobremaneira formoso à vista, milady. Que mal poderia haver nisso?

Parece-me cá que não entendes este mundo, Janet Comyn. Porventura ele teria razão. — Ele bate nas suas mulheres?

— Não as conserva tempo bastante, ou assim o dizem.

— Embora eu tenha ouvido dizer que uma delas tentou matá-lo há pouco tempo. Não posso imaginar porquê — acrescentou a criada, genuinamente desconcertada. — Diz-se que ele é mais que generoso com as suas amantes depois de se saciar delas.

— Posso imaginar porquê — resmungou Adrienne irritada, subitamente impaciente com tanto puxar, apertar, enfeitar e tal fartura de mãos a ajeitarem-lhe o corpo. — Alto, alto. — Tirou com uma palmadinha as mãos de Lisbelle do seu cabelo, que fora lavado, impiedosamente penteado, e torturantemente remexido pelo que lhe haviam parecido anos.

— Mas, milady, temos de fazer alguma coisa deste cabelo. É tão liso! Tendes de estar lindíssima...

— Pessoalmente, preferia parecer uma trouxa velha. Molhada, suja, e a cheirar a bosta.

Ressoaram arquejos. — Moça, ele será teu esposo, e poderias estar bem pior — interrompeu uma voz severa através do quarto. Adrienne voltou-se lentamente e deu com o olhar sabiamente mundano de uma mulher com quem sentiu instantânea afinidade. — Poderias ter o meu, à falta de melhor exemplo.

Adrienne susteve abruptamente o fôlego. — O *Laird*⁷ Comyn?

— Teu *pai*, minha querida filha — disse Lady Althea Comyn com um sorriso ácido. — Ide-vos... todas vós. — Espantou as criadas para fora do quarto com mão régia, tardando o olhar em Bess. — Ele há de matar a moça um dia, há de sim — disse suavemente. Cerrou os olhos com força por um longo momento.

— Ele explicou o que tens de fazer?

Adrienne assentiu.

— E fá-lo-ás?

Assentiu de novo. Lady Comyn deixou escapar um suspiro de alívio.

— Se alguma vez houver ensejo de te pagar a gentileza...

⁷ Termo escocês que designa um senhor ou nobre proprietário de terras, lorde. (N. da T.)

- Não é gentileza alguma. É para salvar a minha vida.
— ... apenas te bastará pedir. Pois que ela salva a minha também.

Adrienne estava postada ereta diante do clérigo, desempenhando o seu papel na farsa. — Sou Janet Comyn — proclamou em voz alta. O ministro de Deus empalideceu visivelmente e apertou a Bíblia até os nós dos dedos lhe parecerem rebentar pelas costuras. *Então ele sabe que não o sou*, cismou. *Que raio se passará realmente aqui?*

Sentiu uma presença junto ao seu ombro esquerdo, e virou-se relutantemente para encarar o homem que estava prestes a desposar. Os seus olhos deram com a zona ligeiramente abaixo do esterno dele e cada centímetro dela era revestida de aço.

Adrienne ia para se levantar e olhar o seu noivo no rosto, quando se apercebeu horrorizada de que não estava de joelhos. Por demais mortificada, inclinou a cabeça para trás e engoliu mil frenéticos protestos que se lhe atropelavam na garganta.

O gigante olhou de volta com uma expressão inescrutável, as chamas das velas bruxuleantes dançando nos olhos mais azuis que ela jamais vira.

Não posso casar-me com ele, gritou silenciosamente. *Não posso!*

Os seus olhos desviaram-se do semblante dele e passaram ao de leve pela audiência em busca de alguém que a salvasse deste desastre. Bess estava sentada no banco lá de trás, de olhos fechados em súplica.

Adrienne estremeceu e de igual modo fechou os olhos. *Por favor, Deus, se é que enlouqueci, devolve-me o juízo. E se é que não enlouqueci e de algum modo isto está mesmo a acontecer... lamento não ter sido grata pelo século XX. Lamento ter feito o que fiz a Eberhard. Lamento tudo, e prometo que serei uma pessoa melhor se simplesmente ME TIRARES DAQUI PARA FORA!*

Quando reabriu os olhos poderia ter jurado que o clérigo tinha um brilho sabedor e deveras divertido nos seus.

— Ajude-me — articulou mudamente.

Num ápice, ele baixou os olhos para o chão. Não tornou a levantá-los.

A despeito de si própria, Adrienne arrastou o olhar relutante para o diafragma do seu noivo, depois ainda mais para cima, para o seu rosto sombriamente atraente.

Ele arqueou um sobrolho para ela quando os flautistas começaram a tocar, num ritmo cada mais vivo e acelerado.

Foi salva do peso do olhar dele quando irrompeu um tumulto e ouviu a voz furiosa do seu “pai” ressoar até às vigas do teto.

— Que dizeis, ele nã podia vir em pessoa? — gritou Red Comyn para o soldado.

— Houve um pequeno problema no norte de Uster. Açor teve de cavalgar para lá à pressa, mas nã renunciou ao seu compromisso. Não desonra de todo os clãs. — O soldado entregou a sua mensagem ensaiada.

— Desonra os esponsais não estando aqui! — rugiu Lorde Comyn. Depois virou-se para o homem ao lado de Adrienne. — E quem sois vós, para virdes em seu lugar?

— Grimm Roderick, capitão da guarda de Açor. Venho desposar vossa filha por procuração...

— O diabo que carregue a procuração! Como ousa ele não vir clamar minha filha em pessoa?

— É perfeitamente legal. O rei reconhecê-lo-á e os esponsais serão assim cumpridos.

Adrienne não pôde evitar o júbilo que lhe acudiu ao rosto face às palavras dele. Este homem não era seu marido!

— Sou eu tão ofensivo assim, moça? — perguntou ele, sorrindo trocista, não perdendo pitada do seu alívio.

Mais ou menos tão ofensivo como uma bandeja de morangos mergulhados em chocolate negro e cobertos de chantilly, pensou ela retorcidamente.

— Mais depressa casaria com um sapo — disse Adrienne.

A risada dele arrancou-lhe um sorriso amarelo dos lábios.

— Então sois definitivamente azarada, milady. Pois que Açor não é por certo sapo algum. Eu, moça, ao lado de Açor, sou verdadeiramente um sapo. Nã... um trol. Pior ainda, um lagarto cornudo e verrugoso. Um...

— Percebo a ideia. — *Santo céu, livra-me da perfeição*. — Onde está ele, então, o meu contrariado marido?

— A atender ao rescaldo de um sério problema.

— Que seria?

— Uma grave e terrível sublevação.

— No norte de Uster?

— Por ali. — Os lábios do homem recurvaram-se.

Adrienne foi tomada por um ímpeto de urgência. Por mais que arrastasse os pés, este feito teria lugar. Se é que tinha de enfrentar o desconhecido, gostaria que fosse quanto antes. A espera apenas o tornava pior, e a gritaria de Lorde Comyn a par da desenfreada cacofonia dos atrapalhados flautistas estava a deixar-lhe os nervos em franja. *Louca, sou, Janet? Vem mesmo a calhar para mim*. Empertigando-se em todo o seu metro e sessenta e sete, procurou o vulto do seu “pai” ainda aos berros e gritou para o meio da confusão.

— Oh, cale-se por favor, Pai, e tratemos de despachar isto! Tenho um casamento a celebrar e apenas está a atrasá-lo. E daí que ele não tenha vindo? Não posso dizer que o censure.

Fez-se um silêncio de morte na capela. Adrienne poderia ter jurado que sentiu o homem ao seu lado tremer de riso contido, embora não se atrevesse a olhá-lo nos olhos outra vez.

Sussurros de “Louca Janet” ressoaram pela capela, e Adrienne sentiu uma onda de alívio. Esta fama de ser louca podia ser útil. Desde que obedecesse às ordens de Comyn neste preciso dia, podia ser tão excêntrica como um rolamento de esferas quadradas que ninguém o acharia descaído.

Adrienne preocupara-se que não fosse capaz de se lembrar de todos os pormenores que Comyn lhe contara; que cometesse um deslize e alguém em casa do seu novo marido descobrisse que ela era uma impostora. Uma vez desmascarada como charlatã, Comyn trataria de cumprir a sua ameaça de matá-la.

Subitamente essa pressão desvaneceu-se numa nuvem de pó. No aqui e agora (se é que estava realmente no aqui e agora), ela era a louca Janet Comyn. Como poderia ela ser julgada responsável pelo que quer que fosse que dissesse ou fizesse destituído de sentido? A loucura era uma licença de liberdade.

Uma licença de fazer e dizer fosse o que fosse que quisesse — sem repercussões.

Sem Eberhards, sem armas, e sem más recordações.

Talvez este lugar não fosse assim tão mau.

Adrienne andava a vaguar pelo recinto de Dalkeith há várias horas quando topou com o ferreiro. Após dois duros dias cavalgando à desfilada do Castelo Comyn para a sua nova casa — Dalkeith-Sobre-o-Mar —, planeava deixar-se cair na primeira cama fofa que encontrasse, dormir durante dias, e então quando acordasse (se ainda ali estivesse) descobrir uma boa garrafa de uísque e beber até perder o acordo de si. E então verificar de novo se ainda ali estaria.

Não só não fora capaz de encontrar uma cama fofa no tumultuoso castelo, como não havia lá uísque, nem sinal de marido, e toda a gente a tinha sumariamente ignorado. Tratado de que lhe fosse terrivelmente difícil sentir-se em casa. Grimm apressara-se a deixar a sua companhia no momento em que haviam entrado pelas muralhas de granito rosa da fortaleza Douglas, embora parecesse um perfeito cavalheiro durante a viagem.

Mas ela não era tola nenhuma. Não precisava que lhe dessem uma paulada na cabeça para perceber que não era definitivamente uma esposa desejada. Casada por procuração, sem acolhimento de boas-vindas, e nem sinal de marido. Definitivamente não desejada.

Adrienne desistiu da sua infrutífera busca de marido, cama e garrafa e foi dar uma volta de exploração da sua nova casa.

E assim foi por puro acaso que passou através das sorveiras-bravas e topou com a forja na orla da floresta. E com o homem, trajando apenas um *kilt*, dando ao fole e temperando o aço de uma ferradura.

Adrienne ouvira dizer que o seu marido por procuração era intoleravelmente belo, mas este homem fazia de facto do magnífico Grimm um verdadeiro sapo.

Simplesmente não havia destes homens em estado bruto no século XX, pensou tomada de impotente fascínio ao vê-lo trabalhar. Para ver este tipo de homem no século XX, uma mulher tinha de algum modo de ser admitida nesses santuários de halteres e pesos de musculação, em que o

homem definia o seu corpo em homenagem a si próprio. Mas neste século tal homem existia por simples força da natureza.

O mundo dele exigia que ele fosse forte para sobreviver, para comandar, para resistir.

Quando o ferreiro se virou e se baixou para trocar de martelo, ela viu um fio de suor que se lhe juntara na fronte deslizar-lhe pela face, cair-lhe chapinhando no peito, e escorrer-lhe, oh tão lentamente ao longo dos espessos cordões de músculo do abdómen. Até ao umbigo, e ao topo do *kilt*, e mais abaixo ainda. Observou-lhe as pernas, fascinada, esperando para ver se as gotas de suor lhe reapareciam nas poderosas panturrilhas, e imaginando delirante cada centímetro de permeio.

Tão intenso era o fulgor da forja, tão estranha a sua ânsia, que Adrienne não se apercebeu de que ele se detivera há uns bons momentos já.

Até que levantou os olhos do seu peito ao encontro dos seus escuros e graves olhos.

Arquejou.

Ele transpôs a distância e ela soube que deveria fugir. Contudo soube também que não teria sido capaz de fugir nem que a sua vida disso dependesse. Algo nos olhos dele...

Tomou-lhe o maxilar com uma mão rude, forçando-lhe a cabeça para trás para lhe suster o olhar com fulgurante olhar de prata.

— Em que poderei servir-vos, minha linda rainha? Acaso tereis algo necessitado de formagem e moldagem ao calor? Ou acaso eu poderei dar nova forma à minha lança de aço no calor da vossa forja, milady?

Os olhos dela buscaram-lhe o rosto desvairadamente. *Compostura*, ordenou-se a si própria.

Ele abanou-a implacavelmente. — Buscais os meus serviços?

— É o calor, nada mais — grasnou ela.

— Oh sim, é por demais seguramente o *calor*, beleza. — Os seus olhos eram demoníacos. — Anda. — Ele tomou-a pela mão e desandou a passo rápido.

— Não! — Ela bateu-lhe no braço.

— Anda — ordenou ele, e ela teve a sobrenatural sensação de que ele entrava por ela dentro com aqueles olhos e dava novas ordens à sua vontade de acordo com a sua. Aquilo aterrorizou-a.

— Largue-me! — arquejou.

Os olhos dele buscaram mais fundo, e embora soubesse que era loucura, Adrienne sentiu-se como se estivesse a lutar por algo terrivelmente importante nesse momento. Sabia que não deveria ir com este homem, mas não sabia sequer dizer porquê. Pressentia perigo, tenebroso e primeiro. Um perigo desnaturado e vetusto além do seu controlo. Se ele abrisse

a sua boca cruelmente bela e dissesse *anda* uma vez mais, ela bem que poderia fazê-lo.

Ele abriu a boca. Ela preparou-se para o comando que sabia se seguiria.

— Larga a minha esposa — ordenou uma voz profunda atrás deles.

Então este homem na forja não era o seu marido. Santo Deus do céu, o que iria ela encontrar quando se voltasse? Ousaria fazê-lo?

Voltou-se ligeiramente, como se uma pequena espreitadela de lado pudesse ser mais segura. Pudesse minimizar o impacto. Adrienne depressa descobriu quão enganada estava. *Nada* poderia minimizar o impacto *daquele* homem.

Valhala⁸ à direita. Paraíso reconquistado à esquerda.

Preso entre uma trufa *Godiva* e um *éclair* de chocolate.

Entre um rochedo e uma superfície por demais dura. Duas superfícies por demais duras, pelo aspeto. *Odeio homens bonitos*, lastimou-se do fundo da alma. *Odeio. Odeio. Odeio*. Mas resistir...

Umhas mãos agarraram-lhe a cintura por detrás quando o ferreiro a puxou contra o seu corpo esculpido.

— Largue-me! — gritou, a estranha névoa dissipando-se-lhe do cérebro.

O ferreiro soltou-a.

E aquele homem por demais grande e belo que a encarava — o lendário Açor — olhava-a fulgurante como Odin preparado para lhe desferir um relâmpago em cima. Bufou.

— Não olhe assim para *mim*. Nem sequer se dignou aparecer no nosso casamento. — Adrienne pôs-se a andar de um lado para o outro. Se fosse realmente Janet, como se teria Janet sentido? Quão terrível ser desposada à distância como uma simples propriedade e depois ser tão vilmente tratada pela nova família! — Passo dois dias miseravelmente empapada na garupa de um rocim e será que alguma vez para de chover neste abominável lugar? Dois dias levámos nós a cá chegar! O gracioso Grimm larga-me no

⁸ Lugar em que, segundo a mitologia nórdica, os guerreiros eram recebidos depois de morrerem com honra em batalha. (N. da T.)

instante em que pisamos Dalkeith. *Você* nem sequer se digna receber-me. Ninguém me leva a um quarto. Ninguém me oferece alguma coisa que comer. Ou beber já agora. — Deteve-se na sua litania e encostou-se a uma árvore, de mãos nas ancas, batendo o pé. — E então, dado que não encontro sítio onde dormir que não receie pertencer a alguém, saio a vaguear até que finalmente se dê ao incómodo de aparecer e agora lança-me esse olhar fulgurante? Bem, digo-lhe já...

— Silêncio, moça.

— Que *não* sou o tipo de mulher que se possa pôr de lado e esperar que ela o acate com doçura. Sei quando não sou desejada...

— Sois por demais seguramente desejada — ronronou o ferreiro.

— Não preciso que me caia na cabeça uma tonelada de pedras...

— Eu disse silêncio.

— E nem um presente de casamento recebi! — acrescentou ela, orgulhosa de ter pensado nisso. Sim, Janet teria certamente ficado ofendida.

— Silêncio! — rugiu Açor.

— E não acato ordens! Ummmf! — grunhiu Adrienne no momento em que o seu marido transpunha de um mergulho a distância que os separava e a fazia rolar para o chão. Assim que embateu na terra com o que parecia ser um pequeno rinoceronte em cima, ele fê-la rolar várias vezes, presa na curva do seu braço. Ouviu o ferreiro praguejar baixinho, depois o som de passos correndo, enquanto se debatia com todas as suas forças contra aquele abraço de aço.

— Quieta! — rosou Açor, o seu bafo quente contra o ouvido dela. Levou uns momentos a constatar que ele a segurava quase protetoramente, como que escudando-a com o seu corpo. Adrienne levantou a cabeça e viu os seus olhos escuros perscrutando atentamente a orla da floresta.

— O que está a fazer? — sussurrou, o coração martelando. De tão rudemente ser feita rolar, assegurou a si própria, não de se sentir embalada nos poderosos braços deste homem. Contorceu-se.

— Quieta, disse eu.

Ela meneou-se, em parte para o despeitar e em parte para lhe tirar a perna de entre as suas coxas, mas apenas logrou acabar com o rabo comprimido contra o seu... oh Deus... seguramente ele não andava por ali *assim* o tempo todo! Afastou-se bruscamente ao contacto e ouviu um som abafado, o som de osso contra osso quando a cabeça dela bateu no maxilar dele com um *crac*. Ele praguejou baixinho, e então o troar do seu riso rouco de barítono vibrou quando os seus braços a apertaram com força.

— Uma pequena fera, não és? — disse-lhe ao ouvido.

Ela debateu-se violentamente. — Largue-me!

Mas ele não largou. Apenas afrouxou os braços o bastante para a fazer

dar meia-volta de modo que ficasse esparramada em cima dele, encarando-o. *Grande, grande erro*, pensou ela lastimosamente. Aquilo apresentava toda uma nova profusão de problemas, a começar pelos seus seios esmagados contra ele, a sua perna presa entre as dele, e as suas mãos espalmadas no musculoso peito dele. A camisa dele, de linho branco, estava aberta e puro ardor masculino emanava-lhe do peito largo. Um fio de sangue escorria-lhe do arrogantemente recurvado lábio inferior, e por um insano momento ela pensou de facto em lambê-lo. De um só movimento lesto e gracioso, ele fê-la rolar por baixo dele e ela perdeu o fôlego. Os lábios apartaram-se-lhe. Olhou fixamente em fascínio mudo e soube nesse aterradorizador instante que o homem com quem tinha casado por procuração estava prestes a beijá-la e teve a certeza certezinha de que a sua vida jamais tornaria a ser a mesma se ele o fizesse.

Rosnou. Ele sorriu e baixou a cabeça na direção da dela.

Foi então que o ferreiro irrompeu de volta na clareira. — Nem uma maldita coisa! — cuspiu. — Quem quer que fosse sumiu-se.

Açor contraiu-se de surpresa e Adrienne aproveitou a oportunidade para o empurrar. Bem poderia ter tentado empurrar a Esfinge através da areia até ao Nilo.

Só então viu a seta tremulando ainda na árvore a que ela se encostara, momentos antes, desancando alto e bom som o seu novo marido. Os seus olhos estavam arregalados quando os levantou interrogadoramente para Açor. Isto era tudo por demais bizarro.

— Quem ofendeste tu? — O seu marido abanou-a violentamente. — Quem busca matar-te?

— Como sabe que não era você o alvo, que não foi apenas má pontaria?

— Ninguém quer matar-me, moça.

— Pelo que me é dado ouvir, a sua última amante tentou fazer precisamente isso — retorquiu ela malvadamente.

Ele empalideceu muito ligeiramente sob o bronze imaculado da sua pele.

O ferreiro riu-se.

O pescoço dela estava a ficar dorido de olhar para cima para ele. — Saia de cima de mim — rosou para o marido.

Não estava preparada quando os olhos de Açor escureceram e ele rebolou e a empurrou para longe dele.

— Embora persistas em rejeitar-me, esposa, julgo que poderás precisar de mim — disse Açor suavemente.

— Não me parece — retorquiu ela ferozmente.

— Cá estarei, caso reconsideres.

— Corrirei o risco. Ninguém disparou fosse o que fosse na minha direção até você ter aparecido. Isso, que eu saiba, soma dois atentados contra si, e nenhum contra mim. — Pôs-se de pé, sacudindo o vestido. Terra e urtigas agarravam-se ao pesado tecido. Arrancou umas quantas folhas do cabelo e sacudiu o pó do traseiro até tomar consciência de uma sensação desconfortável. Lentamente levantou os olhos da sua indumentária para dar com ambos os homens a observá-la com a intensidade de lobos. Grandes lobos esfomeados.

— O que foi? — dardejou.

O ferreiro riu-se outra vez. O som era grave, sombrio e misterioso. — Parece-me cá que a dama não enxerga quão docemente cruel acena tal beleza.

— Poupe-me — disse ela cansada.

— Belo o alvor desse rubor de moça, rico e maduro e por demais suculento. — O seu marido não estava pelos ajustes que lhe levassem a palma.

Adrienne bateu com o pé e lançou um olhar fulgurante a ambos. Onde estava o seu Shakespeare quando dele precisava? — Belo e claro a jurar-te assim me afoite,/ preto de inferno, escuro como a noite⁹ — resmungou baixinho.

O ferreiro atirou a cabeça para trás e explodiu numa gargalhada. Os lábios do seu marido recurvaram-se num sorriso apreciativo face ao seu engenho.

Açor pôs-se então em pé e estendeu a mão. — Clama paz comigo, moça.

Clama. O homem era capaz de fazer chorar um anjo. Mas ela estava com fome. E sede. E cansada. Tomou-lhe a mão, jurando ferozmente nada mais tomar. Jamais.

Enquanto o marido a conduzia da clareira para fora a voz do ferreiro soou trazida por uma brisa perfumada de jasmim, e ela admirou-se de que o marido não reagisse. Ou não era um homem possessivo, ou simplesmente não ouvira. Pois ela ouvira claramente o ferreiro dizer, “Mulher que fazes de todos os homens débeis gatinhos junto de um prato de natas, posso levar-te a lugares que apenas em sonhos conheceste”.

— Pesadelos — grunhiu, e ouviu-o rir baixinho atrás dela.

O marido olhou-a curiosamente de relance. — O quê?

Ela soltou um profundo suspiro. — Pesados elos de sono me tolhem os passos. Preciso de dormir.

9 Soneto 147 de William Shakespeare (tradução de Vasco Graça Moura, Bertrand Editora). (N. da T.)

Ele assentiu. — E então falaremos.

Claro. Se eu ainda estiver neste desgraçado lugar quando acordar.

Sidheach James Lyon Douglas lacerou a mandíbula por barbear com uma mão calejada. Raiva? Porventura. Incredulidade, seguramente. Possessividade. De onde diabo vinha aquilo?

Fúria. Oh sim, era isso. Uma fúria fria e sombria que o consumia por dentro e que o forte uísque apenas ajudava a reforçar.

Ali se quedara espocado a observar a sua nova esposa com olhos esfomeados. Vira-a acometida de bruta e primitiva fome por um homem — e esse homem não era ele. Inacreditável.

— Continua a beber assim e não chegaremos a Uster amanhã — advertiu Grimm.

— Eu não vou a Uster amanhã. A minha esposa bem poderá estar de bebé quando aqui retornar.

Grimm abriu-se num sorriso. — Ela está por demais enfurecida contigo, sabes.

— Ela está enfurecida *comigo*?

— Estavas demasiado embriagado para a desposar, quanto mais para dormires com ela, e agora estás num frenesi porque ela olhou para Adam com agrado.

— Com agrado? Desses uma tábua de trinchar à moça e ela tê-la-ia feito deslizar por baixo dele, lambendo os lábios face ao festim!

— E daí?

— Ela é minha esposa.

— Oh, essa aí é que eu não abarco. Disseste que não querias saber do que fosse feito dela uma vez consumado o acordo. Juraste honrar o pacto e honraste. A que se deve então esta ira tola, Açor?

— A minha esposa não fará de mim um cornudo.

— Creio que um marido só pode ser cornudo se disso cuidar. Tu não cuidas.

— Ninguém me *perguntou* se eu cuidava.

Grimm pestanejou, fascinado com o comportamento de Açor. — Todas as moças olham assim para Adam.

— Ela nem sequer deu por mim. É Adam que ela quer. Quem diabo maldito admitiu esse ferrador ao trabalho?

Grimm cismou sobre a sua bebida. — Não era Thomas o ferreiro?

— Pensando nisso, sim, era.

— Onde teria ido Thomas?

— Não sei, Grimm. Por isso te perguntei.
— Bem, alguém admitiu Adam.
— Não foste tu?
— Nã. Pensei que houvesse sido tu, Açor.
— Nã. Acaso é irmão de Thomas e Thomas se encontre enfermo.
Grimm riu-se. — Irmão do feio Thomas? Nem pensar.
— Livra-te dele.
— De Adam?
— Oh sim.
Silêncio.

E então, — Pelos santos, Açor, não podes estar a falar a sério! Nã podes tirar a um homem o seu sustento devido ao modo como uma moça o olha...

— Acontece essa moça ser minha esposa.
— Oh sim... precisamente a mesma que tu não querias.
— Mudei de ideias.
— Ademais, ele tem mantido Esmerelda bem satisfeita, Açor.
Sidheach soltou um profundo suspiro. — Lá isso tem. — Fez uma pausa do tamanho de umas boas ciumentas pulsações. — Grimm?
— Hm?
— Diz-lhe que se mantenha vestido enquanto trabalha. E isto é uma ordem.

Mas Açor não tirou aquilo da ideia. Só se apercebeu de onde os seus pés o haviam levado no preciso momento em que entrou no halo cor de âmbar do fogo da forja de Adam sob as sorveiras-bravas.

— Bem-vindo, Lorde Açor de Dalkeith-Sobre-o-Mar.

Açor deu meia volta e deparou-se com o nariz encostado ao do reluzente ferreiro, que de algum modo lograra pôr-se atrás dele. Não eram muitos os homens capazes de apanhar Açor de surpresa, e por um instante Açor sentiu-se tão fascinado como irritado face ao ferreiro.

— Eu não te admiti ao trabalho. Quem és tu?

— Adam — replicou calmamente o ferreiro.

— Adam quê?

O ferreiro ponderou, e então desferiu um sorriso endiabrado. — Adam Black.¹⁰

¹⁰ Adam sorri do trocadilho do nome — Preto, em Inglês — com as suas malévolas intenções. (N. da T.)

— Quem te admitiu ao trabalho?

— Ouvi dizer que estáveis necessitado de um homem para trabalhar na forja.

— Mantém-te longe da minha esposa. — Açor espantou-se ao ouvir as palavras saírem-lhe dos lábios. *Pelos santos, soava como um marido ciumento!* Intentara insistir na pergunta de quem admitira o ferreiro ao trabalho, mas aparentemente não estava de mais posse das suas palavras do que estivera dos seus pés; pelo menos no que tocava à sua nova esposa.

Adam riu maliciosamente. — Não farei coisa alguma que a senhora não queira que eu faça.

— Não farás coisa alguma que *eu* não queira que faças.

— Ouvi dizer que a senhora não *vos* queria.

— Há de querer.

— E se não quiser?

— Todas as moças me querem.

— Curioso. Eu tenho precisamente o mesmo problema.

— És inusitadamente grosseiro para um ferreiro. Quem era o teu *laird* antes?

— Não conheci homem algum digno de chamar amo.

— Curioso, ferreiro. Eu tenho precisamente o mesmo problema.

Os homens mantinham-se nariz contra nariz. Açor contra açor.

— Posso ordenar-te que saias das minhas terras — disse Açor firmemente.

— Ah, mas então jamais saberíeis se ela vos escolheria a vós ou a mim, pois não? E suspeito que tendes um fundo de grande decência dentro de vós, algo que clama por coisas antiquadas como probidade e cavalheirismo, honra e justiça. Tolo Açor. Todos os cavalheiros não tardarão mortos, como poeira de sonhos voando ao volúvel capricho do tempo.

— És insolente. E, a partir deste instante, estás dispensado.

— Temeroso? — maravilhou-se o ferreiro.

— Temeroso? — ecoou Açor incredulamente. Este ferreiro tolo ousava pisar terra sua e dizer-lhe que ele, o lendário Açor, estava com medo? — Eu nada temo. Certamente não a ti.

— Temeis sim. Vistes como vossa esposa me olhou. Temeis não lograr impedir que ela me deite mãos.

Um sorriso amargo e trocista recurvou o lábio de Açor. Ele não era homem dado a iludir-se. *Temia* não ser capaz de manter a sua esposa longe do ferreiro. Isso agastava-o, deixava-o fora de si, e contudo o ferreiro estava igualmente certo quanto ao seu fundo de decência. Decência que clamava, tal como Grimm suspeitara, que ele não privasse um homem do seu sustento devido à sua própria insegurança relativamente à sua esposa.

Açor padecia da rara desvantagem de ser nobre, até ao mais profundo do seu âmago. — Quem és tu, realmente?

— Um simples ferreiro.

Açor estudou-o ao luar que se coava através das sorveiras-bravas. Nada de simples havia ali. Algo lhe rondava a mente, pairando numa lufada de memória, mas não lograva definir o quê. — Eu conheço-te, não conheço?

— Conheceis agora. E, não tarda, ela conhecer-me-á também.

— Porque me acirras tu?

— Vós me haveis acirrado antes ao aprazerdes a minha rainha. — As palavras foram cuspidas ao mesmo tempo que o ferreiro virava brusca-mente costas.

Açor rebuscou a memória por uma rainha a quem tivesse aprazido. Nomes alguns lhe acudiram à mente; mas de costume não acudiam. No entanto, o homem tornara o seu jogo claro. Algures, sabia Deus quando, Açor fizera voltar a cabeça de uma mulher deste homem para si. E este homem vinha agora fazer o mesmo com ele. Com a sua esposa. Uma parte sua disso tentava não cuidar, mas, desde o momento que o olhar pousara na Louca Janet, nesse dia, soubera que estava em sarilhos pela primeira vez na vida. Até mais não, para lá da razão, pois, houvessem-no aqueles seus fulgurantes olhos de prata aliciado para areias movediças, ele de bom grado teria ido.

Que dizer a um homem cuja mulher se tomou? Nada havia a dizer ao ferreiro. — Não era meu intento ofender — ofereceu Açor por fim.

Adam deu meia-volta e o seu sorriso brilhou por demais radioso. — Ofensa por defesa, tudo vale na lascívia. Buscais ainda pôr-me a andar?

Açor susteve-lhe o olhar por longos momentos. O ferreiro estava certo. Algo dentro dele clamava por justiça. Batalhas justas travavam-se em pé de igualdade. Se ele não pudesse manter uma moça, se a perdesse para outro homem... O seu orgulho inflamou-se. Se a sua esposa o deixasse, houvesse-a ele querido para começar ou não, e já agora por um ferreiro, bem, a lenda de Açor uma muito diferente melodia teria por acompanhamento.

Mas, ainda pior que isso, se ele dispensasse o ferreiro nessa noite, jamais saberia ao certo se a sua esposa o teria escolhido ou a Adam Black. E isso importava. A dúvida atormentá-lo-ia eternamente. A imagem dela ali postada hoje, encostada a uma árvore, de olhos fitos no ferreiro — ah! Isso dar-lhe-ia pesadelos mesmo na ausência de Adam.

Permitiria ao ferreiro que ficasse. E nessa noite Açor seduziria a sua esposa. Quando estivesse completamente convencido de onde residiam os afetos dela, bem, porventura *então* dispensaria o velhaco.

Açor acenou desapaixonadamente com uma mão. — Como queiras. Não ordenarei que partas.

— Como eu queira. Isso apraz-me — replicou Adam Black, presunçoso.

Açor atravessou lentamente o pátio, esfregando a cabeça ainda dolorida da embriaguez de há três noites atrás. O noivado ordenado pelo Rei James estava cumprido. Açor desposara a filha do Comyn e assim respeitara o decreto final de James. Dalkeith estava uma vez mais a salvo.

Açor tinha esperanças de que longe da vista fosse verdadeiramente longe do coração, e de que o Rei James se esquecesse de Dalkeith-Sobre-o-Mar. Todos estes anos obedecera literalmente a todos os tortuosos rogos de James, e o rei sempre clamara mais e mais, até que por decreto real James retirara a Açor a sua derradeira pretensão à liberdade.

Porque o deixara isso admirado? Ao longo de quinze anos o rei deleitara-se a cerceá-lo, reduzindo as suas opções à opção única de obedecer ao seu rei ou morrer, juntamente com todo o seu clã.

Recordou o dia em que James o intimara, apenas três dias antes de o seu serviço terminar.

Açor apresentara-se, a curiosidade espicaçada pela atmosfera de crispada antecipação que impregnava a vasta sala do trono. Atribuindo-a a mais alguma maquinação de James — e esperando que nada tivesse que ver com ele ou com Dalkeith —, Açor acercara-se do palanque e ajoelhara.

— Arranjámo-vos um casamento — anunciara James quando a sala sossegara.

Açor inteiriçara-se. Podia sentir os olhares dos cortesãos pesadamente pousados nele; divertidos, trocistas e com um laivo de... piedade?

— Seleccionámos uma mui conveniente — James fizera uma pausa e rira-se despeitado — esposa para agraciar o resto dos vossos dias em Dalkeith.

— Quem? — Açor apenas se permitira essa única palavra. Dizer mais teria traído a furiosa recusa que lhe fervilhava nas veias. Não confiara em si para falar quando cada onça do seu ser gritava rebeldia.

James sorrira e fizera sinal a Red Comyn para que se acercasse do trono, e Açor quase rugira de fúria. Seguramente não a famosa Louca Janet! James não o forçaria a desposar a solteirona louca que Red Comyn mantinha na sua remota torre!

O canto do lábio de James recurvara-se para cima num sorriso retorcido. — Escolhemos Janet Comyn para vossa esposa, Açor Douglas.

Uma suave risadinha alastrara através da corte. James esfregara uma mão contra a outra de júbilo.

— Não! — A palavra escapara a Açor numa erupção de ar; demasiado tarde, tentara inspirá-la de volta.

— Não? — ecoara James, o seu sorriso instantaneamente gelado. — Será que vos ouvimos recusar a Nossa ordem?

Açor apontara os olhos ao chão. Inspirara fundo. — Nã, meu rei. Receio não me haver exprimido bem. — Fizera uma pausa e engolira em seco com força. — O que eu queria dizer era “não, já haveis sido bondoso bastante comigo”. A mentira ardera-lhe nos lábios e deixara-lhe um gosto de orgulho carbonizado na língua. Mas mantivera Dalkeith a salvo.

James casquinara, sobremaneira divertido com a lesta capitulação de Açor, apreciador que era de qualquer demonstração do alcance dos seus régios poderes. Açor refletira amargamente que uma vez mais James detinha todas as cartas.

Quando James tornara a falar, a sua voz destilava veneno. — Absten-de-vos de desposar a filha de Comyn, Açor Douglas, e extirparemos qualquer vestígio dos Douglas de toda a Scotia. Nem uma só gota de sangue da vossa linhagem sobreviverá a menos que o façais.

Era a mesma ameaça que James sempre usara para controlar Açor Douglas, e a única que poderia ter sido tão implacavelmente eficaz, uma e outra e outra vez.

Açor baixara a cabeça para ocultar a raiva.

Desejara escolher a sua própria esposa. Era pedir tanto assim? Durante os seus quinze anos de serviço a ideia de escolher uma mulher sua, de retornar a Dalkeith e criar uma família longe da corrupção da corte de James, mantivera os seus sonhos vivos a despeito dos esforços do rei para maculá-los e destruí-los, um a um. Embora Açor não fosse já um homem crente no amor, acreditava, sim, na família e no clã, e a ideia de passar o resto dos seus dias com uma boa mulher, rodeado de filhos, aprazia-lhe imensamente.

Queria passear à beira-mar e contar histórias a seus filhos. Queria encantadoras filhas e netos. Queria encher o quarto das crianças de Dalkeith. *Ai, o quarto das crianças!* O pensamento aguilhoou-o; esta nova constatação mais dolorosa e amarga do que fosse o que fosse que o rei jamais lhe fizera. *Agora jamais poderei encher o quarto das crianças — não se minha esposa carrega sementes de insanidade!*

Não haveria pequeninhos — legítimos, pelo menos — para Açor. Como poderia ele suportar jamais ter um filho seu nos braços?

Açor jamais aludira ao seu desejo de uma família; sabia que, se James o descobrisse, erradicaria qualquer esperança disso. Bem, de algum modo

James descobrira-o ou decidira que, dado que não pudera ter a esposa que desejava, também Açor não poderia.

— Erguei a cabeça e olhai-Nos, Açor — ordenara James.

Açor erguera a cabeça lentamente e fitara o rei com olhos mortiços.

James estudara-o e voltara então o seu olhar brilhante para Red Comyn, acrescentando uma ameaça final para assegurar cooperação, — Destruiremos os Comyn, também, caso este decreto seja desafiado. Ouvis o que dizemos, Red Comyn? Não Nos deixeis ficar mal.

O *Laird* Comyn parecera singularmente perturbado com a ordem de James.

Ajoelhando perante a corte, Açor dominara a derradeira das suas ideias de rebelião. Reconheceu os olhares apiedados dos soldados com quem servira; a compaixão no olhar de Grimm; o ódio complacente e presunçosa mofa de fidalgos menores que há muito se ressentiam do sucesso de Açor com as mulheres, e aceitou o facto de que desposaria Janet Comyn nem que ela fosse uma destentada, vetusta, demente velhinha. Açor Douglas faria, sempre, o que quer que fosse para manter Dalkeith e as suas gentes a salvo.

Corria um sem-fim de rumores a respeito de Janet Comyn, uma solteirona doida varrida, mantida prisioneira por ser incuravelmente louca.

Enquanto percorria o caminho empedrado até à entrada de Dalkeith, Açor riu alto face à falsa imagem da Louca Janet que criara na sua imaginação. Constatou que James não soubera evidentemente nada mais a respeito dela do que as demais pessoas, pois que James jamais teria amarrado Açor a tal mulher se soubesse como ela era realmente. Ela era por demais bela, por demais fogaosa. James intentara causar sofrimento a Açor, e a única forma de um homem sofrer junto desta mulher era não poder pôr-lhe as mãos em cima, não poder saborear os seus beijos e desfrutar da sua sensual promessa.

Açor nada esperara como a cintilante e sedosa criatura de apaixonado temperamento que encontrara na forja. Enviara Grimm no último dia a desposar a moça por procuração, intentando plenamente ignorá-la quando chegasse. Deixara claro que ninguém deveria dar-lhe as boas-vindas. A vida continuaria em Dalkeith como se nada houvesse mudado. Decidira que, tivesse ela metade da loucura que os rumores clamavam, porventura nem sequer lograria entender que estava *casada*. Concluía que seguramente acharia maneira de lidar com ela, nem que isso significasse confiná-la algures, longe de Dalkeith. James ordenara-lhe que a desposasse, nada dissera quanto a partilhar aposentos.

Então, os seus olhos haviam pousado na “Louca” Janet Comyn. Qual ardente deusa descompusera-o com as suas palavras, evidenciando enge-

nho a par de sobrenatural beleza. Moça alguma de que se lembrasse despertara nele os espasmos de fome de que fora acometido quando a acariciara com os olhos. Enquanto ela acariciava aquele maldito ferreiro com os seus.

Os rumores não poderiam ter estado mais errados. Houvesse Açor sido dado a escolher uma mulher por si mesmo, as qualidades que Janet possuía — independência, mente aguçada, corpo luxurioso, e coração valente — eram todas qualidades que ele teria buscado.

Acaso, cismou Açor, a vida desse deveras uma volta para melhor afinal de contas.

Adrienne sabia que estava a sonhar. Estava desesperadamente atolada naquele mesmo horrível pesadelo que tinha há meses; aquele em que fugia através das desertas e escuras vielas de Nova Orleães tentando escapar à morte.

Por mais que tentasse controlar o sonho, jamais lograva salvar-se. Inevitavelmente, Eberhard encurralava-a no armazém abandonado de Blue Magnolia Lane. Apenas uma coisa diferia significativamente da realidade por que Adrienne passara — no seu pesadelo não lograva apoderar-se da arma a tempo.

Acordou pálida e a tremer, com pequenas gotas de suor salpicando-lhe o rosto.

E lá estava Açor; sentado ao fundo da cama, observando-a silenciosamente.

Adrienne olhou-o de olhos arregalados. Na sua sonolenta confusão o sombriamente belo rosto de Açor parecia ter traços da diabólica beleza de Eberhard, levando-a a interrogar-se que diferença haveria entre os dois homens — se é que alguma havia. Após um pesadelo com um atraente e mortífero homem, acordar para dar com outro assim tão perto era simplesmente de mais para os seus nervos esfrangalhados. Embora ainda não tivesse virtualmente memória alguma de como chegara ao século XVI, as suas outras memórias estavam lamentavelmente intactas. Adrienne de Simone recordava uma coisa com excruciante clareza — não confiava em, e não gostava de, homens bonitos.

— Gritaste — informou-a Açor na sua voz melíflua.

Adrienne revirou os olhos. Conseguiria ele fazer algo mais além de ronronar de cada vez que abria a sua perfeita boca? Aquela voz seria capaz de aliciar uma freira cega a abrir mão da sua castidade.

— Vá-se embora — resmungou.

Ele sorriu. — Apenas vim ver que não eras vítima de outra tentativa de homicídio.

— Eu disse-lhe que não era atrás de *mim* que vinham.

Ele ali ficou sentado, circunspecto, aparentemente enredado numa poderosa luta interior. Sentiu a cabeça tonta com irreprimíveis restos do seu pesadelo quando o suave adejar de uma brisa entrando pela janela aberta lhe beijou a pele. Deuses, a pele! Levou o lençol de seda aos seios quase nus, completamente vexada. A malfadada indumentária que encontrara impecavelmente pousada em cima da cama — por alguém que obviamente tinha menos inibições de vestuário do que ela — dificilmente se qualificava como camisa de noite. As minúsculas mangas haviam-lhe deslizado pelos ombros ao passo que a camisa se enrodilhara toda para cima; metros de tecido transparente formavam-lhe uma nuvem diáfana em torno da cintura, mal lhe cobrindo as ancas — e isso apenas se ela não se mexesse de todo. Adrienne puxou firmemente a camisa, tentando ajeitá-la sem largar o lençol.

Açor grunhiu, e aquele som rouco fez-lhe dançar cada nervo do corpo. Forçou-se a suste-lhe de frente o olhar esbraseado.

— Janet, bem sei que não começámos exatamente este casamento nas melhores das circunstâncias.

— Adrienne. E pode definitivamente dizer-se que não.

— Não, o meu nome é Sidheach. O meu irmão é que é Adrian. Mas a maior parte das pessoas chama-me Açor.

— Eu referia-me a mim. Chame-me Adrienne. — Face ao seu olhar interrogador, acrescentou, — O meu nome do meio é Adrienne, e é o meu preferido. — Uma simples mentirinha. Não podia esperar aguentar-se a responder pelo nome de Janet, acabaria de certeza por cometer um deslize.

— Adrienne — ronronou ele, dando-lhe a entoação de *Adry-EN*. — Tal como eu dizia — deslizou ao longo da cama com tal graça que ela apenas se apercebeu de que ele se mexera quando já estava demasiado perto —, temo que não tenhamos tido o melhor dos começos, e é meu intento remediá-lo.

— Pode remediá-lo retirando-se da minha vista neste preciso instante. Já. Xô. — Apertou o lençol num punho cuidadoso e acenou com a outra mão a dispensá-lo. Ele observou-a fascinado. Como não se mexesse, ela tentou pô-lo a andar de novo, mas ele agarrou-lhe a mão a meio do aceno.

— Lindas mãos — murmurou, voltando a palma para cima e plantando um beijo demorado no sensitivo centro. — Receava que a Louca Janet fosse uma bruxa mal parecida. Agora sei porque te manteve o Comyn escondida na sua torre todos estes anos. Tu és verdadeiramente a prata e o ouro do tesouro oculto do Comyn. A sua fortuna ficou largamente depauperada com a tua perda.

— Oh, deixe-se disso — dardejou ela, e ele pestanejou de surpresa. —

Escute, Sidaçor ou Açor ou seja lá o que for, não estou impressionada. Se é que vamos ser forçados a viver sob o mesmo teto, temos de aclarar umas quantas coisas. Primeira — susteve uma mão no ar, fazendo contas com os dedos à medida que falava —, eu não gosto de si. Acostume-se a isso. Segunda, não me queria casar consigo, mas não tive outra alternativa...

— Desejas outro. — O ronronar aprofundou-se num rosnido de desagrado.

— Terceira — continuou ela sem se dignar responder —, não acho as suas manhas masculinas nem remotamente intrigantes. Você não é o meu género...

— Mas Adam é certamente, hein? — O seu maxilar contraiu-se e os seus olhos de ébano faiscaram.

— Mais do que você — mentiu ela, pensando que, se lograsse convencê-lo de que falava verdade, talvez ele a deixasse em paz.

— Não o terás. És *minha* esposa, apraza-te ou não. Não serei feito cornudo...

— É preciso *gostar* para se ser feito cornudo.

— Acaso eu pudesse fazê-lo. — Acaso o fizesse já e não suspeitasse sequer porquê.

— Bem, eu não posso.

— Sou então assim tão desprazível?

— Sim.

Ele fitou-a. Contemplou o quarto à sua volta. Examinou as vigas do teto. Nenhuma resposta misteriosa pairava fosse onde fosse.

— As moças sempre me encontraram sobremaneira bem-parecido — disse por fim.

— Talvez isso seja parte do seu problema.

— Perdão?

— Não gosto da sua atitude.

— Da minha atitude? — ecoou ele aturdido.

— Certo. Por isso arredai-vos do meu leito e da minha vista e não me faleis mais esta noite.

— És a moça mais danada que jamais conheci.

— E você é o tratante mais oco e incorrigível que jamais tive o desprazer de conhecer.

— Onde vais buscar todas essas ideias a meu respeito? — interrogou-se ele.

— Podemos começar com o facto de estar demasiado bêbedo para aparecer no seu próprio casamento.

— Grimm contou-te? Grimm não te teria contado isso!

— Raios partam a cumplicidade masculina. — Adrienne revirou os

olhos. — Tudo o que ele me contou é que você estava a atender a uma sublevação. Só não adivinhei que fosse do seu estômago. A criada que me trouxe a este quarto há pouco passou um bom bocado a contar-mo. Falou sem parar de como você mais três barricas de vinho mais três mulheres passaram a noite anterior ao nosso casamento a tentar... você sabe — Adrienne murmurou uma palavra ininteligível — até aos miolos.

— A fazer-me *o quê* até aos miolos?

— Você sabe. — Adrienne revirou os olhos.

— Receio não saber. Que palavra mesmo foi essa?

Adrienne olhou-o penetrantemente. Estaria ele a gozar com ela? Brilhariam os seus olhos de malícia? Aquele meio-sorriso que lhe recurvava a boca linda podia sem dúvida fazer derreter o lençol a que se agarrava, para não falar da sua vontade. — Aparentemente alguma delas conseguiu, pois se lhe tivessem sobrado alguns miolos pôr-se-ia fora da minha vista já — atirou.

— Não foram três. — Açor reprimiu uma risada.

— Não?

— Foram cinco.

O maxilar de Adrienne contraiu-se. Susteve de novo os dedos no ar. — Quarta... este será um casamento de nome apenas. Ponto.

— Barricas de vinho, queria eu dizer.

— *Não* tem graça nenhuma.

A risada dele ressoou perigosa e carregada. — Basta. Agora vamos enumerar as regras do Açor. — Susteve a mão no ar e foi fazendo contas com os dedos. — Primeira, tu és minha esposa, portanto obedecer-me-ás em tudo. Se tiver de te ordenar que venhas para o meu leito, seja. Segunda — a sua outra mão elevou-se e ela encolheu-se, meio à espera que lhe batesse, mas ele tomou-lhe o rosto firmemente e olhou-a fulgurante nos olhos —, manter-te-ás longe de Adam. Terceira, simularás deleite por eu te haver desposado... tanto em público como em privado. Quarta, quinta e sexta, manter-te-ás longe de Adam. Sétima — puxou-a da cama e pô-la de pé com um movimento rápido —, explicarás precisamente o que encontras de tão desprazível em mim, *depois* de eu ter feito amor contigo, e oitava, iremos ter filhos. Muitos. Porventura dúzias deles. Porventura te mantenha simplesmente gorda de bebé deste momento em diante.

Os olhos de Adrienne arregalaram-se até mais não ao ouvi-lo falar. Quando finalmente chegou à parte dos filhos ela estava à beira do pânico. Fez por manter a cabeça fria e procurou a arma mais efetiva. O que poderia ela dizer para manter este homem ao largo? O seu ego. O seu gigantesco ego e orgulho masculino. Tinha de usá-lo.

— Faça o que quiser. Simplesmente pensarei em Adam. — Reprimiu um bocejo e examinou as cutículas.

Açor deu um passo atrás, largando-lhe as mãos do corpo como se se tivesse queimado. — Simplesmente pensarás em Adam!

Esfregou o maxilar, não acreditando bem no que ouvira e de olhos fitos na visão diante dele, meio coberta por uma nuvem de espuma diáfana. O cabelo louro-prata tombando em torno do rosto mais belo que ele jamais contemplara. Tinha o rosto em forma de coração, a mandíbula delicada e contudo admiravelmente forte. Os lábios eram cheios e de um aveludado tom de ameixa madura, e os olhos de um fulgurante cinza-prata. Era a paixão viva, e parecia não fazer a mínima ideia da sua própria beleza. Ou não queria saber. O punho da lascívia rodeou-o e apertou com força. Os seus olhos de ébano semicerraram-se, penetrantes. Ela tinha pele cremosa, lindos ombros, uma cintura esbelta, um doce arroubo de ancas e pernas que amarinhavam direitas ao céu. A beleza dela marcava-o a ferro, clamava-o. A moça era pura perfeição. Embora Açor não fosse um homem supersticioso, as palavras com que Grimm proferira o seu desejo ao ver a estrela cadente escolheram esse momento para vir à tona da sua mente. *O que fora que Grimm dissera ao certo?*

Desejara que Açor encontrasse uma mulher “engenhosa e sabedora”; uma mulher inteligente.

— Sabes fazer somas? — dardejou.

— Sou exímia contabilista.

— Sabes ler e escrever? — insistiu.

— Três línguas fluentemente, duas razoavelmente bem. — Era a razão principal por que ela conseguia imitar tão bem o sotaque deles e os convencia de que *era* a Louca Janet Comyn. Embora algumas das palavras e expressões que usava lhes pudessem parecer estranhas — eles esperavam mesmo que ela fosse maluca —, fora uma aluna aplicada no castelo Comyn, assimilando os erres guturais e rolados com a facilidade de uma criança. Sempre tivera ouvido para línguas. Além disso, vira todos os episódios jamais realizados de *Os Imortais*.

Açor gemeu. A segunda parte do desejo de Grimm tinha sido que a mulher fosse perfeita de rosto e de formas. Quanto a isso não tinha questões a pôr. Ela era uma Vénus, destituída de adornos, manifestada no seu mundo, e ele tinha a incómoda premonição de que o seu mundo jamais tornaria a ser o mesmo.

Pois bem, os dois primeiros requisitos do desejo de Grimm estavam satisfeitos. A mulher possuía igualmente miolos e enfeitiçante beleza.

Era o último requisito que Grimm especificara que mais inquietava Açor: *um perfeito “não” nos seus perfeitos lábios...*

Não havia mulher viva que alguma vez houvesse dito “não” a Açor.

— Moça, quero-te — disse numa voz rouca e bruta. — Farei o mais incrível amor contigo que te foi dado provar deste lado de Valhala. Posso levar-te além do paraíso, fazer-te desejar jamais pisares este chão de novo. Deixar-me-ás levar-te lá? Queres-me? — Esperou, mas já estava certo do que lá vinha.

Os lábios dela franziram-se lascivamente quando disse, — Não.

— Lançaste-me um *geis*¹¹ com o teu maldito desejo, Grimm! — ouviu-se uivar o *Laird* Sidheach James Lyon Douglas para o firmamento destituído de estrelas mais tarde nessa noite. Para além de um círculo de sorveiras-bravas, Adam atçou um monte de brasas e emitiu um som um tudo-nada sombrio para ser uma risada.

Adrienne ficou um longo tempo sentada no escuro, na beira da cama, depois de ele ter saído, e encolheu-se ao seu uivo rouco que se elevou até à lua. Um *geis*? Uma maldição. Bah! Amaldiçoada estava ela.

Para ele, ela era simplesmente igual às outras, e se havia coisa que Adrienne de Simone aprendera, fora que, no que tocava a um homem, não tolerava ser apenas mais uma.

Culpada como as hordas que haviam caído antes dela, desejava este homem chamado Açor. Desejava-o com uma fome irracional que ultrapassava de longe a sua atração pelo ferreiro. Havia algo quase assustador com os olhos do ferreiro. Como os de Eberhard. Mas Açor tinha uns belos olhos escuros empoeirados de pintas de ouro por sob espessas pestanas fuliginosas. Os olhos de Açor insinuavam indizíveis prazeres, riso, e, se é que não estava a imaginar coisas, alguma espécie de dor passada cuidadosamente refreada.

Certo, disse causticamente para com os seus botões. *A dor de não ter tempo suficiente para fazer amor com todas as beldades do mundo. Tu sabes o que ele é. Um mulherengo. Não faças isto a ti própria de novo. Não sejas tola, Adrienne.*

Mas não podia livrar-se do desconforto que sentira de cada vez que se forçara a dizer-lhe coisas cruéis e odiosas. Que ele talvez não merecesse.

¹¹ Feitiço mágico, segundo a mitologia celta irlandesa, que pode ser comparado a uma maldição, ou, paradoxalmente, a um dom. (N. da T.)

Que só por Açor ser um homem sombrio e belo não queria dizer que fosse o mesmo género de homem de Eberhard. Tinha a incómoda sensação de que estava a ser injusta com ele, por nenhuma razão lógica que fosse.

Ah, mas há uma explicação lógica para como e porquê recuaste subitamente de 1997 para 1513?, bufou zombeteiramente.

Adrienne aprendera a examinar factos e a lidar com a realidade, por mais irracional que parecesse a realidade imediata. Nada e criada em Nova Orleães, percebia que a lógica humana não podia explicar tudo. Por vezes estava em jogo uma lógica maior — algo tantalizadoramente além da sua compreensão. Ultimamente, Adrienne ficava mais surpreendida quando as coisas faziam sentido do que quando não faziam — pelo menos quando as coisas eram estranhas estava em terreno familiar. Apesar de altamente ilógico e por demais improvável, todos os seus cinco sentidos insistiam que ela já não estava exatamente no Kansas.¹²

Uma vaga recordação atiçava-lhe a memória periférica... O que estava ela a fazer mesmo antes de dar consigo no colo de Comyn? As horas anteriores eram nebulosas, incertas. Conseguia lembrar-se da sensação desconfortável de ser observada... e que mais? Um odor estranho, rico e fragrante, que lhe viera ao nariz mesmo antes de... o quê? Adrienne empurrou com força a mortalha de confusão e apenas logrou pôr a cabeça a latejar.

Debateu-se com a dor por um momento, depois rendeu-se a ela. Murmurou uma prece ardente de que a lógica maior por detrás desta irracional realidade a tratasse com mais benevolência do que fosse o que fosse que lançara Eberhard no seu caminho.

Que pena não ter perdido algumas dessas recordações mesmo, mesmo más. Mas não, apenas umas quantas estranhas horas; um curto lapso de tempo. Talvez o choque do que acontecera lhe emudecesse a memória por agora. Mas tão certo como se estava a ajustar a este novo ambiente, descobriria como lograra ela viajar no tempo. E descobriria como regressar.

Mas então interrogou-se, será que queria realmente regressar para o que deixara para trás?

De manhã, Adrienne lavou a cara com água gelada e avaliou-se no turvo disco de prata polida suspenso sobre a bacia. Ah, os pequenos luxos. Água quente. Pasta de dentes. Pelo que anelava ela acima de tudo?

12 Alusão a *O Feiticeiro de Oz* e às peripécias de Dorothy, arrancada por um ciclone do Kansas para a fantástica Terra de Oz. (N. da T.)

Café. Seguramente algures no mundo alguém cultivava café em 1513. Se o seu lascivo marido ansiava tanto por agradar, talvez pudesse encontrar algum para ela — e depressa. Precisaria de um jarro inteiro todas as manhãs se continuasse a perder horas de sono desta maneira.

Quando Açor saíra do quarto dela na noite passada, ela tremia da cabeça aos pés. A sedução do ferreiro não passava de um ténue eco da atração que o homem chamado Açor exercia sobre todos os seus sentidos. O simples facto de estar na sua presença fazia-a sentir-se trémula por dentro e fraca dos joelhos — de longe pior do que se sentira com Adam. Bufou ao recordar-se das regras de Açor. Quatro delas tinham sido manter-se longe do ferreiro. Bem, essa era uma maneira mais que certa de o irritar se lhe apetecesse. Depois de conseguir o seu café.

Adrienne vasculhou o “enxoval” de Janet em busca de algo razoavelmente simples para vestir. Envergando um vestido amarelo-limão (como faziam eles estes brilhantes tecidos nesta época?), acentuou-o com um cinto dourado e várias pulseiras de ouro que encontrou. Macios chinelos de couro nos pés e uma sacudidela da cabeleira de prata, e um café tornou-se tão importante como respirar.

— Café — grasnou quando finalmente logrou dar com o caminho através do vasto castelo e encontrar várias pessoas desfrutando de um ocioso pequeno-almoço. Havia mais ou menos uma dúzia delas sentadas à mesa, mas as únicas que Adrienne reconheceu foram Grimm e Ele, de modo que dirigiu esperançosamente a palavra na direção geral.

Todos à mesa a fitaram.

Adrienne fitou-os de volta sem pestanejar. Também sabia ser mal-criada.

— Julgo que ela disse café — aventou Grimm após uma longa pausa —, embora tenha ouvido sons mais inteligíveis a alguns dos nossos falções.

Adrienne revirou os olhos. A manhã emprestava-lhe sempre um laivo rouco à voz já de si de bagaço. — Preciso de café — explicou pacientemente. — E a minha voz é sempre assim de manhã.

— Preciosa voz, suave e complexa como o mais fino malte escocês — ronronou Açor. Os seus olhos tardaram-lhe no rosto, depois deslizaram-lhe gentilmente até à ponta dos pés. Como, em nome de Deus, podia um simples olhar fazê-la sentir-se como se ele lhe tivesse despido o vestido do corpo lenta e deliciosamente?

— Aquele sujeito de Ceilão não deixou uma reserva de coisas bizar-

ras na copa? E eu sou Lydia Douglas, a propósito, a que este malandro chama...

— Mãe...

— Caluda. Atamancaste o casamento e agora fazes das coisas uma bela trapalhada, por isso cala-te.

Adrienne perdoou-o por praticamente quase tudo nesse momento, pois ele pareceu um rapazinho pestanejando em silêncio. — Minha senhora — disse ela, fazendo um arremedo de mesura e esperando ter-se dirigido corretamente à mãe de Açor pois gostou instantaneamente da mulher, ainda que tivesse dado à luz aquele arrogante mulhengo.

— Lydia serve perfeitamente, e se me é permitido... Adrienne? Açor contou-me que é assim que preferis ser chamada.

— Adrienne está perfeito. Café?

Lydia riu-se, obviamente não se deixando desconcertar por tão determinada obsessão. — Parto do princípio de que estais acostumada a essa forte beberagem de manhã. Diz-me o meu curandeiro que ela tem propriedades rejuvenescedoras e que é um fortificante natural.

— Sim. — Adrienne assentiu veementemente.

— Na copa, Açor — encorajou Lydia o filho.

— Vai deixar-me ir eu lá? — perguntou ele causticamente.

— Desde quando é que me dás ouvidos? — perguntou Lydia com um piscar de olhos. — Leva a tua nova esposa ao encontro do seu café. E, Adrienne, se necessitardes de algo mais, ainda que seja um ouvido compassivo, vinde ter comigo. Passo grande parte do dia no meu jardim. Qualquer um vos pode indicar o caminho.

— Obrigada. — Adrienne falou do fundo do coração. Como era simpático ter alguém a providenciar-lhe um amistoso acolhimento! Alguém que não fosse do sexo masculino e irresistivelmente belo.

— Anda. — Açor estendeu-lhe a mão. Recusando tocá-lo, ela disse docemente, — Eu sigo-o.

— Nã, moça, sigo-te eu. — Deu-lhe passagem com um gesto. Seguiria a doce curva das suas ancas para lá dos chifrudos esbirros do inferno.

— Devo insistir — objetou Adrienne.

— Tal como eu — contrapôs ele.

— Vá lá — dardejou ela.

Ele cruzou os braços poderosos sobre o peito e susteve-lhe resolutamente o olhar.

— Oh, por amor de Deus, temos de lutar à conta disto, também?

— Não se me obedeceres, moça.

Atrás deles Lydia meio riu, meio grunhiu. — Porque não ides os dois simplesmente lado a lado? — perguntou encorajadoramente.

— Perfeito — retorquiu Adrienne.
— Perfeito — rosnou Açor.

Lydia riu até as lágrimas lhe assomarem aos folgazãos olhos verdes. Finalmente — uma moça digna do seu filho.

Lado a lado. Não tinha de olhar para ele. *Obrigada Deus por estas pequenas graças.*

— E aqui temos a copa — disse Açor destrancando a porta e abrindo-a. A disposição de Adrienne animou-se. O seu nariz franziu-se delicadamente. Cheirou-lhe a café em grão, especiarias, chás, toda a espécie de coisas maravilhosas. Praticamente deu um salto para dentro da copa, com Açor no seu encaicho. Quando ia para mergulhar uma mão bem fundo no saco castanho do qual saía o mais delicioso aroma de pecaminosamente negro café, Açor de algum modo logrou insinuar-se entre ela e a sua presa.

— Ao que parece apraz-te sobremaneira o teu café — observou, com um interesse demasiado aguçado para o seu gosto.

— Sim. — Ela apoiou-se ora num pé ora no outro, impaciente, mas o homem tinha muito corpo com que lhe bloquear o caminho. — Desande, Açor — queixou-se, e ele riu suavemente ao apertar-lhe a cintura com as suas mãozorras, quase não sobrando espaço entre uma e outra.

Adrienne ficou petrificada quando um odor ainda mais sedutor do que o seu bem-amado café lhe tanzou as narinas. Odor a couro e homem. A poder e mestria sexual. A audácia e virilidade. Odor a tudo o que ela imaginara em sonhos.

— Ah, coração meu, há um preço... — murmurou ele.

— Não tem coração — informou ela o peito dele.

— Verdade — concordou ele. — Tu roubaste-o. E na noite passada quedei-me diante de ti em agonia enquanto tu o dilaceravas...

— Oh, deixe-se de tretas...

— Tens bizarros dizeres, coração meu...

— O seu coração é uma insignificante noz preta. Mirrada. Encarquilhada. — Recusou levantar os olhos para ele.

Ele riu-se. — Moça, divertir-me-ás bem até aos meus anos crepusculares.

— Café — resmungou ela baixinho.
— Tens de ter em conta o coletor de tributo.
— E o que deseja ao certo o coletor de tributo?
— Esta manhã, é simples. Noutros dias poderá não ser. Hoje o teu café custar-te-á apenas um beijo pequenininho.

— Pensa outorgar-me quinhões de café a troco de beijos? — exclamou ela, incrédula. E contra sua vontade inclinou a cabeça para trás e olhou-o nos olhos. Bem, quase. Os seus olhos empancaram e quedaram-se-lhe suspensos uns sete centímetros abaixo, nos perfeitamente esculpídos, magnificamente coloridos lábios. Os lábios de um homem não deveriam ser tão bem formados e desejáveis. Esqueceu-se do café só de pensar em tomar-lhes o gosto, e os seus traçoeiros joelhos começaram a tremelicar de novo.

— Força — encorajou ele.

O sacana. Sabia que ela desejava beijá-lo.

— Sei que não o queres, moça, mas tens de fazê-lo se queres o teu café.

— E se não o fizer?

— Não obténs o teu café. — Encolheu os ombros. — Realmente, é um preço pequenininho a pagar.

— Não me parece que fosse bem isto que a sua mãe tinha em mente.

Ele riu-se, um sombrio, sensual ronronar, e ela sentiu os mamilos retesarem-se. Deus do céu, ele era perigoso. — Minha mãe é meio responsável por mim, por isso não a eaves à santidade ainda, coração meu.

— Pare de me chamar coração seu. Eu tenho nome.

— Oh sim, e é Adrienne Douglas. Minha *esposa*. Alegra-te que eu busque apenas uma mercê e não tome simplesmente o que me pertence por direito.

Ela agarrou-lhe na mão lesta como um relâmpago e nela depositou o requisitado beijo, largando-a de imediato. — O meu café — clamou.

Os olhos escuros de Açor fervilharam de impaciente sensualidade. — Evidentemente, moça, muito tenho de te ensinar quanto à arte de beijar.

— Eu sei beijar!

— Oh? Acaso devesse demonstrá-lo de novo, pois que se essa era a tua ideia de beijo, terei de clamar mais generosa mercê. — Sorriu para ela, o lábio inferior recurvando-se convidativamente.

Adrienne fechou os olhos para escapar à visão dos seus perfeitos lábios e constatou, no momento em que as suas pálpebras adejavam semi-cerradas, que cometera um sério erro de tática. Açor envolveu-lhe o rosto com as mãos e fê-la recuar contra a parede, encurralando-a com o seu corpo poderoso. Os olhos de Adrienne abriram-se instantaneamente. — Eu

não fechei os olhos para que me beijasse! — exclamou, mas a sua negação perdeu toda a força quando cruzou o olhar com o dele. Os seus intensos olhos de ébano davam-lhe volta à cabeça, fazendo-a ansiar por aceitar o prazer que ele oferecia, mas ela sabia que não devia fazê-lo. Adrienne tentou livrar-se do seu amplexo, mas as mãos dele seguravam-lhe o rosto com firmeza. — Açor! Não me parece...

— Sim, parece-te, moça, e até mais não poder — interrompeu ele, o olhar velado trocista. — Para pois de pensar por um momento, paras? Sente apenas. — Apressou-se a beijá-la, tomando vantagem erótica dos seus lábios, que permaneciam ainda apartados em jeito de protesto. Adrienne deu-lhe um empurrão no peito, mas ele não quis saber da sua resistência.

Açor enterrou-lhe as mãos nos cabelos, inclinando-lhe a cabeça para trás para a beijar mais a fundo, a sua língua explorando-lhe a boca. Os lábios dele eram exigentes, o seu amplexo possessivo e forte, e quando ele apoiou os quadris contra o corpo dela, era insistentemente, inegavelmente macho. Desafiou-a com o seu beijo, clamando sem palavras que ela admitisse a tensão e fogo que existia entre eles — fogo capaz de incinerar um tenro coração ou de soldar dois corações num só. Sentiu-se tão intensamente dilacerada de desejo que gemeu, confusa e temerosa. Adrienne sabia que era perigoso desfrutar do toque dele, demasiado arriscado permitir o que poderia seguramente tornar-se um prazer viciante.

O polegar de Açor fez-se sentir ao canto da sua boca, pressionando-a a render-se por completo à sua mestria. Excitada, curiosa, impotente para resistir, Adrienne cedeu. O beijo com que ele a recompensou fê-la tremer; era um beijo garantidamente à altura de fazer cair por terra as suas defesas.

E então o que seria feito dela? Vulnerável de novo — feita tola por um homem lindo, de novo.

As mãos de Açor deslizaram do cabelo de Adrienne para lhe envolver os seios, e o conseqüente molhado entre as suas coxas chocou-a a par da consciência de como o seu autodomínio se desfazia. Deu um safanão, determinada a não ser apenas mais uma das suas desavergonhadas conquistas de mulherengo. — Solte-me! Você disse um beijo! Isto não fazia parte do acordo!

Açor ficou-se petrificado. Afastou a cabeça para trás, as suas mãos possantes envolvendo-lhe ainda os seios, e buscou-lhe o rosto atentamente, quase zangado. Fosse o que fosse que procurava, ela percebeu que ele não estava satisfeito. Nada satisfeito mesmo.

Escrutinou-lhe os olhos arregalados por um momento mais, depois virou-lhe as costas largas e arrebanhou um punhado de grãos de café.

Adrienne esfregou os lábios, irritada, como se pudesse fazer desaparecer o duradouro, inesquecível prazer do seu toque. Uma vez fora da copa e

de regresso através do longo corredor em silêncio, recusando ambos olhar-se entre si, Açor embrulhou os grãos num pano e meteu-os no seu *sporrão*.

Antes de chegarem ao Salão Nobre deteve-se, e, como que refreada por uma trela comum, ela estacou abruptamente.

— Diz-me que o sentiste — ordenou ele em voz baixa, recusando ambos mesmo assim olhar-se entre si. Ela examinou o chão em busca de rolhões de pó enquanto ele procurava teias de aranha no teto.

— Senti o quê? — Ela a custo impediu que a voz lhe fraquejasse. *Um beijo sobre o qual construir um sonho, belo homenzarrão?*

Ele puxou-a contra o seu corpo; não se deixando deter quando ela desviou o rosto, baixou a cabeça e encheu-lhe de beijos as curvas dos seios que lhe sobressaíam no pronunciado decote do vestido.

— Pare com isso!

Ele levantou a cabeça, um rosnido ensombrando-lhe o rosto. — Diz-me que o sentiste também!

O momento pairou, pleno de possibilidades. Prolongou-se em incerteza e, face ao medo dela, perdeu-se.

— Eu? Eu estava a pensar em Adam.

Como podiam os olhos de um homem mudar de uma tão inflamada intensidade para tais globos frios e baços em menos de um fósforo? Como podia um rosto tão aberto fechar-se de tal maneira? Um nobre rosto tornar-se tão selvagem?

— Da próxima vez que fores tola bastante para dizeres isso depois de eu te tocar, não serei responsável pelas minhas ações, moça.

Adrienne fechou os olhos. *Esconde-o, esconde-o, não deixes que ele veja como te afeta.* — Não haverá uma próxima vez em que me tocar.

— Haverá uma próxima vez todos os dias, Adrienne Douglas. Tu pertences-me. E eu tenho limites. Adam pode ser posto a andar. Podem ser todos postos a andar. O café pode ser posto a andar. Eu controlo tudo o que tu queres. Posso ser muito bom para ti se estiveres disposta a tentar. A única coisa que não posso negociar é Adam. Trata portanto de te disporeres a tentar comigo e tudo o que pedirei é que renunciés a Adam e nunca mais me fales no seu nome. Se me puderes conceder essa pequenininha mercê, nada mais clamarei senão o preço pelo teu café todas as manhãs. E prometo-te que não o farei demasiado elevado.

O beijo fora demasiado elevado. Demasiado perigoso por si só. — Com que direito...

— Poder. É assaz simples.

— Força bruta...

— Não te incomodes a fazer-me sentir culpado. Pergunta a minha mãe. Não resulta.

Bem, bem. Nada de cavalheirismo aqui, reparou ela. Mas, no geral, o acordo que ele oferecia era mais razoável do que a miríade de alternativas. Ele poderia clamar *todas* as suas prerrogativas maritais em vez de um pequeno beijo todas as manhãs. Ela podia sobreviver a isso. — Um beijo todas as manhãs? É tudo o que procura em troca de eu não lhe falar no nome de Adam? E recebo o meu café diariamente?

— Mantém-te longe de Adam. Não deixes que eu te encontre junto dele. Não me fales no seu nome.

— Por um beijo todas as manhãs? — Ela tinha de deixá-lo claramente decretado.

— Por uma mercê todas as manhãs.

— Isso não é justo! Que espécie de mercê?

Ele riu-se. — Quem te disse que a vida é justa? Quem a tal ponto te iludiu? E, considerando que somos casados e a alternativa à minha amável oferta é a partilha de plenos privilégios conjugais, que direito tens tu de querelar quanto ao que é justo?

— Bem, você podia baixar um bocadinho a parada para minha paz de espírito! De contrário acordarei apavorada com o que lá virá.

O rosto dele ensombrou-se. — Eu busco dar-lhe prazer carnal e ela “apavorada com o que lá virá”. Virou costas amargamente.

— Eu não queria dizer isso... — começou ela a dizer, odiando as amargas linhas que lhe apareciam em torno dos olhos. Fora ela que ali as pusera. Mas, para sua própria segurança, tinha de mantê-las ali, de modo que rapidamente se calou.

Ele não a ouviu, fosse como fosse, tão ensimesmado estava no seu sombrio ruminar ao afastar-se majestosamente.

Tarde de mais, já ele desaparecia de vista na esquina, ela recordou lastimosa os seus grãos de café. Estavam metidos naquela bolsa que ele usava em torno dos quadris. E a copa estava de novo trancada.

Um duche. Era isso. O que não daria Adrienne por trinta minutos de vapor numa profusão de espessas nuvens, uma rica espuma de sabonete, champôs e óleos corporais *Aveda* e uma fofa toalha branca para se enxugar.

Prestou cuidadosa atenção a embelezar as mais subtis nuances do seu duche imaginário para manter o pensamento longe d’Ele enquanto localizava os jardins. Encontrou-os atrás do castelo; era preciso atalhar caminho através das cozinhas para lá chegar, ou contornar todo o castelo — e o castelo era bem grande.

— Bem, metei lá um pouco mais que o vosso narizinho, digo eu.

Aprazer-me-ia ver bem a nossa nova lady — chamou-a uma voz de dentro da cozinha.

Adrienne aproximou-se curiosa. A cozinha nada tinha a ver com o que ela imaginara possível em tempos tão remotos como estes. Era enorme, bem concebida, e imaculada. A peça central da divisão era uma descomunal lareira de colunas, aberta de todos os lados, multiplicando por três as zonas de cozinhar. Uma chaminé de pedra subia até uma abertura no elevado teto. Após mais atenta inspeção, constatou que a cozinha tinha sido construída como anexo independente ao castelo propriamente dito, concebida para ser arejada e bem ventilada. Tinha janelas ao longo das duas paredes laterais, bancadas de cintilante carvalho a toda a volta, e o pavimento era de pálida ardósia. Nem alimentos a apodrecer aqui, nem roedores ou insetos, esta cozinha competia com a sua própria cozinha de finais do século XX lá em casa, à parte a inexistência de lava-loiça. Escadas davam acesso a despensas lá em baixo, armários de provisões aninhavam-se engenhosamente em nichos, e para lá das janelas abertas estendiam-se luxuosos jardins. Os parapeitos estavam providos de minúsculos potes com ervas e especiarias.

— Não encontrais a nossa cozinha por demais bela?

Adrienne assentiu, assombrada, e voltou a sua atenção para o homem sorridente. Era alto e curtido do sol, com corpo enxuto e antebraços bem providos de músculo, quer do manejo da espada, quer de trabalho braçal. O cabelo escuro e a barba bem aparada eram ambos raiados de prata, e quando os seus olhos cinzento-claros se cruzaram com os seus, chispavam de curiosidade e boas-vindas.

— O próprio Açor a engendrou. Das suas viagens. Disse que tinha visto maravilhas de tornar a vida bem mais aprazível, e usou-as a todas para melhorar Dalkeith, digo eu.

O *laird* do castelo tinha estado nas cozinhas?

— Ele próprio cortou as bancadas e construiu os armários. Gosta de trabalhar com madeira, lá isso gosta. Ocupa-lhe as mãos, diz ele. Embora não veja de todo onde arranja ele tempo, digo eu. — O homem revirou os olhos e cruzou as mãos atrás da cabeça, inclinando a cadeira para trás, para uma clareira de luz do sol que entrava pela janela. — O meu nome é Tavis, milady — adiantou. — Muito me apraz dar-vos as boas vindas.

— Eu sou a Louca Janet — deixou ela escapar em resposta à amabilidade dele.

— Louca ou não, não sei, mas haveis caído no gotto de Lydia e mulher perspicaz é ela, digo eu.

Adrienne deu mais um passo cozinha dentro; os seus olhos varreram

a divisão admirando o simples génio com que havia sido concebida. Tudo arrumadinho e facilmente acessível.

— Lydia está lá fora nas traseiras — encorajou Tavis. — Espera-vos há já algum tempo, digo eu. — Piscou-lhe o olho. — Não vos deixeis subjugar por estes Douglas, milady. Teimosos e opiniosos são eles, mas corações do mais puro ouro. Não encontrareis outros como os Douglas em toda a Scotia. Sede bem-vinda, digo eu, e se necessitardes de alguma coisa, é só procurar o Tavis dos curtumes. — Fletiu as mãos fortes. — Ainda faço as mais finas peles deste lado de Uster. Porventura do outro lado também. — O sorriso brilhava-lhe de orgulho ao enxotá-la em direção à porta.

Adrienne saiu para a luz do sol e respirou o mais profundamente que pôde. Madressilva, bem-amado perfume da sua meninice. Uma profusão de ranúnculos em dourado esplendor sob as janelas à sua direita e à sua esquerda. Lavanda no ar, rosa selvagem, e outra bem terrena rica fragrância que se esforçou por identificar. Ouviu o chapinhar de água numa bacia. Uma fonte? Seguindo o som, Adrienne vagueou pelos caminhos de pedra por entre altaneiros arbustos de rododendros, luxuriosas anémonas, campainhas, e uma profusão de miosótis. Carreiros de pedra abriam-se em várias direções, mas o suave chapinhar de água atraiu Adrienne certamente. Lady Lydia estava sentada no rebordo de uma fonte de pedra que se erguia em quatro degraus, muito acima da sua cabeça. Um golfinho de pedra de tamanho natural equilibrava-se no topo, apanhado em pleno salto, jorrando água do focinho aberto.

— Magnífico — arquejou Adrienne, e Lydia virou-se para saudá-la com um sorriso de boas-vindas.

— Invenção de meu filho. — O orgulho era evidente em cada gentil linha do seu rosto.

— Isto também é obra dele? — Adrienne fez uma careta.

— As coisas mais invulgares de Dalkeith são na sua maioria obra de meu filho. Nas viagens que fez procurou os segredos mais avançados da civilização para os trazer para a sua gente...

— Nas viagens que fez pelo mundo em busca de belas parceiras de cama — interrompeu Adrienne com azedume, recordando as palavras das criadas de Comyn.

Lydia inclinou a cabeça, com um brilho divertido nos olhos. — É isso que se diz?

— Foi isso que ele fez?

— Que dizeis a perguntar-lhe vós mesma? Mas pensai bem nisto, Adrienne. Que diriam a vosso respeito pessoas que não vos conhecessem bem?

— Bem dito — concedeu Adrienne, esperando que Lydia jamais descobrisse o seu colorido passado.

— Louca Janet — observou Lydia suavemente. — A mim não me pareceis nem um pouco louca. Porque vos mantinha Comyn encerrada naquela torre?

Adrienne recitou as palavras com que ele lhe martelara a cabeça no dia do seu casamento. — Eu era demasiado bela para arriscar que os seus homens me vissem. Assim o dizia ele. — Acrescentou as suas próprias palavras sem pensar, — A verdade é que jamais me senti assim.

Lydia bufou. — Jamais vistes um espelho?

— É claro que vi. Mas não obstante jamais me senti assim.

— Tal como o Açor, creio eu — observou Lydia. — Ele disse-me certa vez que sabia ser bem-parecido só devido ao modo como as mulheres se alvoroçavam em seu redor. Que, não fosse as mulheres fazerem tanto rebuliço, ele se teria considerado, simplesmente, comedidamente limpo e aprumado...

— Comedidamente limpo e aprumado? — disse Adrienne incrédula. — O homem é perfeito da cabeça aos pés! Faz David e os deuses gregos e Pã parecerem todos desproporcionados. Ele é sexo bruto numa garrafa desarrolhada. E alguém lhe devia pôr uma rolha! Ele é... *acc!* Bah! — Adrienne tartamudeou e gaguejou ao tomar tardiamente consciência das suas palavras. Lydia ria de tal maneira que tinha os olhos marejados de lágrimas.

Quando finalmente logrou tomar fôlego, Lydia soltou um suspiro de satisfação. — Bem, que alívio. Não estava certa de que não fôsseis imune. Ele assim vos julga. Não vos inquieteis. Será o nosso pequenininho segredo, querida Adrienne, e vinde lá sentar-vos a meu lado para que vos possa contar quão contente estou de que aqui vos encontreis. Só lamento não haver estado cá para vos dar um acolhimento apropriado quando chegastes. Pelo que me foi dado ouvir, todos eles atamancaram terrivelmente as coisas.

Adrienne deu consigo a desejar atirar-se de cabeça na coisa mais próxima com uns braços maternais que ela jamais conhecera. O seu coração endurecido escorregava em gelo traiçoeiramente fino — atrever-se-ia ela? Ou não?

Atrás dos arbustos de rododendros vermelho-sangue uma sombra encolheu-se. *Odeio-a! Odeio-a!* A mão de Esmerelda tremeu ao erguer o tubo, e firmou-o bruscamente. Despacharia a inimiga, e poria fim ao seu tormen-

to. Franziu os lábios em torno do bocal, mantendo direito o diminuto instrumento. Inspirou fundo e expirou com força através dos lábios apertados. Um diminuto dardo irrompeu da extremidade do tubo, tão pequeno como o ferrão de uma abelha. Esmerelda ficou a ver o dardo voar direito ao alvo e enterrar-se na carne pálida do pescoço de Adrienne. Sorriu de satisfação quando Adrienne deu uma ligeira palmada na ferida, como que a enxotar um mosquito. Esmerelda aguçou a vista — podia ver a cintilante ponta do dardo brilhar no pescoço de Adrienne enquanto ela falava com Lydia. Feito. Estava feito.

— Onde está o seu marido, Lydia? — Adrienne deu uma palmada brusca no pescoço. — Mosquitos? Já?

— Temos a nossa conta. É essa a razão de ser das redes nos leitos durante esta estação. Um pouco de hortelã parece mantê-los à distância. Eu meto alguma nos bolsos e enfio uma folha ou duas no corpete. — Ofereceu algumas folhas e Adrienne aceitou-as com gratidão. — Quanto a meu marido... — Os seus olhos puseram-se sonhadores. — Esse homem inacreditável deixou-me já lá vão mais de trinta anos. Morreu logo após o nascimento de Açor.

— Como? — Adrienne passou as costas da mão pela testa. O sol estava subitamente demasiado quente.

— Foi em batalha pelo rei, e ao morrer fez um voto, ou assim o Rei James disse, de quinze anos da vida do seu filho de serviço à Coroa, a troco de proteção real para com Dalkeith. Com efeito, o serviço de Sidheach acabou recentemente apenas.

Adrienne enrugou a fronte de confusão. As coloridas flores de Lydia fundiram-se subitamente num borrão de cor indistinto.

Lydia explicou pacientemente, — Dalkeith é um opulento castelo. Não havia qualquer homem para nos proteger quando meu marido morreu. Eu fui deixada com um pequenininho herdeiro de dois meses. Se meu marido fez de veras o voto ou James o inventou, jamais saberei. Duvido que o meu Douglas houvesse votado o nosso filho ao Rei James fosse como fosse, mas raramente se vence um argumento com um rei. Eu não estava pronta para casar de novo, o desgosto por meu marido foi profundo. Os homens do rei protegeram Dalkeith até eu tirar o luto de viúva. Mas James deu-nos a sua proteção na condição de que Açor reportasse a Edimburgo aquando do seu décimo oitavo aniversário, para quinze anos de vassalagem. Tal como clamara haver meu marido prometido.

— Não acredita que o seu marido se tenha comprometido com Açor?

— perguntou Adrienne, com a visão cada vez mais toldada. Pestanejou com força por um momento e a visão clareou.

O rosto encantador de Lydia pôs-se cada vez mais pensativo, e por um longo momento pareceu que porventura não responderia sequer à pergunta. Adrienne podia ver as recordações perpassarem-lhe pela frente, algumas boas, algumas obviamente dolorosas. — O meu Douglas foi a segunda oferta de casamento que eu recebi, Adrienne.

— E a primeira? — perguntou Adrienne, passando as pontas dos dedos pela água docemente fresca da fonte e salpicando umas gotas nas têmporas.

— O Rei James.

— Ah! Um homem desprezado.

— Decididamente desprezado. E nem um pouco clemente. O Rei James havia posto o sentido em mim e mantinha-se inabalável. Foi no meu décimo sexto verão, estava eu na corte com vossa mãe, Althea. Recebemos ambas muitas ofertas de casamento nessa temporada, e James era um dos meus mais ardentes admiradores. Eu não o levei demasiado a sério, ele era, afinal de contas, o rei. Só mais tarde descobri quão a sério falava ele. Mas já era demasiado tarde. Eu tinha o sentido posto em Douglas desde que era mocinha. E Douglas, bem, digamos apenas que não custou nada persuadi-lo. — Os seus olhos verdes faiscavam de amorosas lembranças.

— De maneira que o rei odeia Açor por ter recusado a sua oferta de casamento? Isso parece incrivelmente infantil.

— E é. James foi mimado desde o momento que nasceu. Foi mimado, animalhado e mimoseado até mais não. Quando alcançou a idade de casar estava mais que estragado de mimo. Jamais ouvira a palavra *não* em toda a sua vida e não tinha qualquer intento de ouvi-la. Pareceu-lhe simplesmente incompreensível que uma mulher escolhesse ser esposa de um mero conde quando poderia ser rainha de toda a Escócia.

Adrienne refletiu brevemente sobre a realeza do seu tempo. Em quanto certa mulher sacrificara para ser princesa e um dia rainha. Lydia fizera uma escolha sensata ao casar-se por amor.

— A verdadeira desfeita para ele foi ter sido tolo bastante para anunciar à sua corte que eu ia ser sua rainha, mesmo após eu haver declinado as suas propostas de casamento por várias ocasiões. Desposei o meu Douglas no dia a seguir à sua “proclamação”, embora só semanas mais tarde, quando as novas chegaram a Dalkeith, viéssemos a saber que o rei havia ido deveras ao ponto de anunciar publicamente os seus intentos. Meu marido disse que havíamos feito um poderoso inimigo nesse dia. Mas julgo que nenhum de nós sabia quão verdadeiramente vingativo podia ele ser. Suspeito haver muitas coisas no seu serviço a James de que Açor jamais

falará. Correm rumores de que James persistiu em ameaças de destruir Dalkeith depois de lhe fazer rolar a cabeça a menos que Açor obedecesse a cada capricho seu. — A sua voz adotou um tom confidencial. — Açor não o sabe, mas eu busquei audiência com James, em pessoa, pouco depois de começar a ouvir histórias da sua servidão. Implorei-lhe que renunciasse à sua pretensão sobre o meu filho. — Os olhos de Lydia toldaram-se. — Ele riu-se e disse-me que, houvesse eu feito um casamento avisado, Açor teria sido *filho* do rei em vez de seu servo.

Adrienne esfregou o pescoço e pestanejou com força. A sua visão ofuscava-se de forma alarmante e a cabeça martelava-lhe. — Humilhação pública — disse com voz empastada. — Jamais encontrei homem que o aceitasse bem.

— Creio ser a razão também por que o Rei James ordenou a Açor que casasse a mando seu — continuou Lydia suavemente. — Mais uma subtil forma de prolongar a sua vingança. Penso que ele se sentiu quase ludibriado com a morte de meu marido, e tenho-me perguntado muitas vezes o que nos teria ele feito houvesse meu marido vivido mais tempo. Em que homem amargo se tornou ele! — Lydia abanou a cabeça. — Alegra-me que tenhais sido vós, Adrienne. O rei odiaria saber quão encantadora e *nada* louca sois realmente. Sois exatamente aquilo de que Açor precisa. Não uma moça tímida, lerda do tino, mas uma mulher de verdadeira têmpera e profundidade.

Adrienne corou de prazer. O calor suplementar provocou-lhe coisas alarmantes na cabeça. — Disse que tornou a casar. Tem mais filhos? — perguntou, tentando desesperadamente ater-se ao cerne da conversa.

O sorriso voltou ao rosto de Lydia. — Oh, oh sim. Adrian e Ilysse. Estão em França com minha irmã, Elizabeth. Na sua última carta ela preveniu-me de que Adrian se está a tornar um maganão incorrigível e de que está prestes a desistir de civilizar Ilysse. — Lydia riu-se. — Ilysse pode ser por vezes um pouco ferosa e impossível de levar. Haveríeis de gostar dela.

Adrienne não estava certa de como reagir àquilo, de modo que se absteve de comentários. Além disso, não se estava a sentir nada bem. Já estava a ver a dobrar, tinha o estômago em dolorosa convulsão, e a boca seca como mechas de algodão. Esforçou-se por engolir. — Blá-blá-blá? — grasnou.

— Adrienne? — Lydia fitou-a aflita. — Adrienne! — Encostou-lhe a mão à frente. — Estais a arder!

Com um gemido, Adrienne tombou para diante e soçobrou no carreiro empedrado.

— Açor! — gritou Lydia.



— Veneno. — O rosto de Açor estava soturnamente sombrio. Examinou cuidadosamente o diminuto dardo que o idoso curandeiro depusera sobre o pano.

— Vespão. — O curandeiro passou os dedos pela longa barba branca e sentou-se numa cadeira ao lado de Adrienne.

Açor gemeu. O de vespão não era um veneno gentil. Substância maligna e lenta, causava dores durante dias antes de acabar por matar por sufocação à medida que o veneno paralisava lentamente o corpo de fora para dentro.

Açor sabia que não havia cura. Ouvira falar do veneno durante o seu serviço ao Rei James. Dizia-se haver ele clamado as vidas de muitos régios irmãos. Quando se intentava tirar do caminho um futuro rei, não se corriam riscos com venenos suscetíveis de falhar. Açor deixou cair a cabeça nas mãos e esfregou furiosamente os olhos inflamados e remelosos. A intensidade do calor das chamas vibrantes não ajudava. Mas o calor ajudá-la-ia a ela, dissera o curandeiro. Acaso faria ceder a febre. Ainda assim... ela morreria.

Toma-me a mim, deixa-a ilesa!, desejou Açor de todo o coração.

— Podemos atenuar-lhe a dor. Há coisas que lhe posso dar... — disse o curandeiro suavemente.

— Quem? — enfureceu-se Açor, ignorando o ancião. — Quem desejaria fazer tal coisa? Porquê matá-la? O que fez ela?

O curandeiro encolheu-se e cerrou os olhos com força.

No limiar da porta, Lydia inspirou a custo. — É vespão, então?

— É sim. A pele enegreceu em torno da picada, e em seu redor alastram linhas verde-pálidas. É a picada mortal da vespa crabro.

— Eu não quero perdê-la, Açor — clamou Lydia.

Açor levantou vagarosamente a cabeça das mãos. — Mãe. — A palavra era uma súplica. *Mãe cura o dói-dói*. Mas ele bem sabia que ela não podia.

— Há quem diga que é mais humano pôr termo ao sofrimento logo de início — sugeriu o curandeiro muito baixinho, sem encarar Açor nos olhos.

— Basta! — silenciou-o Açor com um berro. — Se tudo o que lograis trazer é agoiro e desgraça, então ide-vos daqui!

As costas do curandeiro inteiriçaram-se de orgulho e indignação. — Milorde...

— Nã! Nada mais ouvirei! Não vamos matá-la! Ela não há de morrer!

— Acaso os Roma saibam de alguma cura — aventou Lydia suavemente.

O curandeiro fungou desdenhosamente. — Asseguro-vos, milady, que os *Roma* nada sabem. Se eu vos digo que não há cura, podeis estar segura de que ninguém lograria curá-la. Certamente não esse bando de vagabundos e degoladores, trapaceiros e gatunos... — O velho curandeiro calou-se abruptamente face ao sombrio olhar de Açor.

— Vale a pena tentar — concordou Açor com Lydia.

— Milorde! — O curandeiro protestou veementemente. — Os Roma nada mais são do que miseráveis ilusionistas! Eles estão...

— Acampados nas minhas terras — interrompeu-o Açor severamente —, tal como fazem desde há mais de trinta estações, com a minha bênção, por isso tende tento na língua, velho. Se estais assim tão certo de que eles nada sabem, porque cuidaríeis de que eles viessem?

O curandeiro esboçou um sorriso escarninho. — Apenas não me parece que danças e cantos desenfreados e malcheirosas pústulas mumificadas de gente ou animal fizessem bem à enferma — retrucou ele.

Açor bufou. Era evidente que o curandeiro nada sabia da verdade a respeito dos Roma, o orgulhoso bando de gente que havia fugido de nação em nação buscando apenas a liberdade de viver como quisesse. Tal como tantos que ousavam lutar pelo que acreditavam, eram frequentemente mal-entendidos e temidos. A tribo cigana que acampava em Dalkeith era uma comunidade fechada de gente talentosa e sábia. Embora indiscutivelmente supersticiosos, Açor considerava muitos dos seus “instintos” certos.

Mas este curandeiro, como tantos outros, temia o que era diferente e por isso o condenava. A ignorância transformava-se em medo, que logo se tornava perseguição. Açor dirigiu um olhar de aço ao ancião e rosnou, — Fosse o que fosse capaz de curar a *minha esposa* seria bom para ela. Não quero saber que sejam miolos de sapo mumificado. Ou já agora miolos de *curandeiro* mumificado.

O curandeiro fechou a boca e persignou-se com prontidão.

Açor esfregou os olhos e suspirou. Os Roma eram uma hipótese tão

boa como outra qualquer. De imediato pediu a um guarda à porta que despachasse um mensageiro até ao acampamento.

— Julgo que cometeis um grande erro, milorde...

— O único erro a ser cometido nesta alcova é o facto de abrires a boca de novo — rosnou Açor.

O curandeiro levantou-se furioso, as suas articulações de velho estalando em protesto. Com os lábios franzidos, removeu de dentro da sobretúnica, de junto ao corpo, um pote de pedra selado com cera e rolha hermética. Colocou-o sobre a lareira, e então, com a audácia e temeridade frequentemente adquiridas por aqueles que sobreviveram à peste, fome e guerra assim alcançando uma idade avançada, o curandeiro ousou dar uma bicada, — Porventura desejareis usá-lo quando os vossos Roma fracassarem. Pois que não de fracassar —, antes de abandonar a alcova numa afobação de articulações aos estalos e esguios membros adejantes.

Açor abanou a cabeça e contemplou ensimesmado a mulher tremendo no leito. Sua esposa. Sua encantadora, orgulhosa, tempestuosa e *mori-bunda* esposa. Sentiu-se por demais desamparado.

Lydia atravessou a divisão e puxou a cabeça do filho para o conforto do seu seio. — Açor, meu doce Açor. — Murmurou aqueles sons sem sentido que só uma mãe conhece.

Um longo momento passou, e então Açor arredou a cabeça. Se não podia oferecer conforto algum à sua esposa, nenhum conforto aceitaria de sua mãe. — Conte-me novamente ao certo o que aconteceu nos jardins.

— Anda, doce rameira — ordenou Adam, e Esmerelda foi.

Já não tinha redenção. Esmerelda sabia quem era Adam Black ao ir ao seu encontro. O seu povo sempre soubera, e com isso era bem cauteloso. Particularmente no que tocava a lidar com este aqui, pois que, incitar a sua ira, ou tornar-se meramente foco da sua atenção, podia significar a morte para toda uma nação. E embora tão fenomenal poder instilasse um terror imenso nas veias de Esmerelda, de igual modo era um irresistível afrodisíaco.

O que o trouxera aqui?, perguntava-se. Foi o seu último pensamento coerente mal ele lhe começou a fazer aquelas coisas ao corpo que a deixavam fora de si. O seu rosto luzia sombrio de paixão sobre o dela, dourado pelo brilho âmbar do fogo sob as sorveiras-bravas. O odor a sândalo e jasmim elevou-se da terra fumegante de vapor em torno deles. Já era de manhãzinha quando ela finalmente logrou rastejar para longe da sua forja.

Adam uniu as pontas dos dedos e considerou a sua estratégia enquanto via a mulher sair vacilando da sua tenda sobre as pernas débeis.

— Bobo! — A palavra soou brusca, áspera e condenadora.

Adam retesou-se. — Chamaste, meu Rei? — perguntou, dirigindo-se ao seu amo invisível.

— O que foi que fizeste desta vez, Adam?

— Estava a haver-me com uma cigana, já que perguntas. E daí?

— A beleza jaz moribunda.

— Adrienne? — Adam sobressaltou-se. — Nã. Não pela minha mão.

— Bem, conserta-o!

— Verdadeiramente, meu Rei, nada tive que ver com isso.

— Não quero saber. Conserta-o. A nossa Rainha furiosa ficaria se puséssemos em risco o Preto.

— Consertá-lo-ei. Mas quem buscaria fazer cair a beleza?

— O jogo é teu, bobo. Joga-o com mais cuidado. A Rainha já pergunta por ti.

— Ela sente a minha falta? — Adam envaideceu-se por um momento.

Finnbheara bufou. — Podes havê-la aprazido de passagem, mas eu é que sou o seu Rei.

Adrienne estava a arder. Amarrada a um poste, qual antiga feiticeira encurralada no meio de uma montanha de feixes em chamas sob os plácidos olhares dos aldeãos. *Ajudem-me!*, implorava por entre os lábios ressequidos, contorcendo-se no meio de nuvens de fumo. Sufocando, sufocando, e então teve a hedionda sensação de mil formigas-de-fogo passando-lhe freneticamente por sob a superfície da pele.

Não teve consciência de Açor lhe passar uma esponja pela frente, banhando-lhe o corpo com panos frescos, e envolvendo-a em mantas macias. Afastou-lhe madeixas de cabelo húmido da testa e beijou-a gentilmente. Avivando o fogo, voltou-se com prontidão para dar com ela agitando-se violentamente contra o apertado casulo de cobertores que, assegurara-lhe o curandeiro, lhe poderia atenuar a febre.

Sentiu-se submergido por uma onda de desespero, mais brutal e violenta do que a mais feroz borrasca das *Highlands*.

Um gemido primitivo escapou-lhe dos lábios ao vê-la coçar desvairadamente a pele imaculada, numa vã tentativa de aplacar o ataque de fosse qual fosse o feroz animal que a febre conjurara para a atormentar. Ficaria em carne viva se ele não a detivesse, e contudo não suportou atar-lhe as mãos tal como o curandeiro recomendara. Uma visão dela lutando para

se libertar perpassou-lhe pela mente, e engoliu um amargo uivo de fúria impotente. Como poderia ele travar uma guerra contra um invasor invível sem qualquer vulnerabilidade que se conhecesse? Como poderia ele derrotar um veneno que não tinha cura?

Deteve-se por um segundo apenas antes de arrancar a camisa do corpo e descalçar as botas a pontapé. Trajando apenas o *kilt*, deitou-se cuidadosamente sobre o leito e envolveu-a com o corpo, apertando-a bem contra si.

— Adrienne! — Praguejou asperamente enquanto a embalava nos braços. Como podia ele sentir tal desgosto por uma virtual estranha? De onde surgia este sentimento de que deveriam ambos ter tido mais tempo?

Encostou-se contra a parede, aninhando-a entre as pernas, os braços apertando-lhe o corpo agitado e trémulo, o queixo pousado na sua cabeça.

Pela noite dentro, a febre subiu, e ela delirou, e chorou lágrimas salgadas.

Ela jamais saberia que ele as enxugou com beijos, uma a uma.

Ela jamais saberia que ele escutou de coração pesado enquanto ela gritava por um homem que ele não julgava digno de lágrimas, e que ele desejava com todas as forças ter sido o primeiro homem que ela amara.

Sempre-duro¹³ Darrow Garrett. O canalha que destroçara o coração de sua esposa.

Que espécie de escocês que se prezasse tinha por nome Sempre-duro?

Às primeiras horas da madrugada, Açor passou os dedos pelo ébano lustroso da peça de xadrez que Grimm lhe dera, enquanto Adrienne clamava por ela no seu delírio. Examinou-a e interrogou-se porque seria aquela peça de jogo tão importante para ela para que, jazendo ali moribunda, a procurasse desesperadamente nos negros corredores da sua mente.

Foi o tumulto que o despertou, arrastando-o de um sono profundo e sem sonhos. Recusando-se a abrir os olhos, abarcou o que o rodeava com os seus sentidos primeiro. Raios, ela ainda escaldava! Mais ainda, se possível. A sua esposa de escassos dias morrendo nos seus braços. O que fora que o acordara? Seriam os Roma, por fim chegados?

— Deixai passar! — A voz do ferreiro trovejou para além da porta fechada, alta bastante para a fazer tremer. Açor acordou completamente. A voz *daquele* homem deixava-lhe o corpo a postos para a batalha.

— Açor matar-te-á — escarneceu Grimm. — Ele não gosta de ti para começar, e não está com têmpera afável.

13 Trocadilho no original em Inglês: Eberhard com *Ever-hard*. (N. da T.)

Açor assentiu em concordância face às palavras de Grimm, e congratulou-se por haver postado uma meia-guarda à porta da câmara Dama Verde. Não havia como dizer o que poderia ele ter feito se acordasse e desse com o arrogante ferrador a perscrutá-lo no seu presente estado de espírito.

— Tolos! Eu disse que posso curá-la — retorquiu o ferreiro.

Açor retesou-se instantaneamente.

— Tolo, eu? — A voz de Grimm, esganiçada de incredulidade. — Não, tolo é quem pensa haver uma cura para veneno como o do vespão!

— Ousas arriscá-lo, Grimm? — perguntou o ferreiro calmamente.

— Dai-lhe passagem — ordenou Açor através da porta fechada.

Ouviu o som de espadas apartarem-se com um raspar metálico quando os guardas afastaram as lâminas cruzadas que haviam barrado a entrada à câmara Dama Verde, e então lá estava Adam postado no limiar da porta, o seu arcaboço quase o enchendo.

— Se aqui vieste pensando brincar comigo, Adam Black, põe-te a andar antes que te faça correr o sangue pelo meu chão. Seria um pequeninho entretém, mas far-me-ia sentir melhor.

— Porque a agarrais assim? Tão apertada, como que tão querida?

Açor apertou os braços em torno dela. — Ela está a morrer.

— Mas vós mal a conheceis, homem.

— Para isso não tenho razão que faça sentido. Mas recuso-me a perdê-la.

— Ela é por demais bela — ofereceu Adam.

— Tenho conhecido muitas moças belas.

— Ela é mais bela que as outras?

— Ela é mais *qualquer coisa* que as outras. — Açor roçou gentilmente a face no seu cabelo. — Porque aqui vieste?

— Ouvi dizer que era vespão. Posso curá-la.

— Não penses em tentar-me com impossibilidades, ferreiro. Não me alicies para falsas esperanças ou jazerás moribundo ao lado dela.

— Não pensem em tentar-me a *mim* com impossibilidades, Lorde Açor — ecoou Adam vivamente. — Além de que falo verdade quanto a uma cura.

Açor estudou o ferreiro por um cauteloso momento. — Porque farias isto, se é que podes?

— Por total serviço próprio, asseguro-vos. — Adam transpôs o quarto direito ao leito e sentou-se na sua borda. Estendeu a mão, e parou a meio caminho face à expressão no rosto de Açor. — Não posso curá-la sem lhe tocar, temível Açor.

— Fazes pouco de mim.

— Faço pouco de tudo. Não o leveis tão a peito. Embora, no vosso caso particular, o intento seja esse. Mas, nisto, ofereço-vos a verdade. Tenho a cura.

Açor bufou e apertou os braços protetoramente em torno da sua esposa. — Como é possível que um simples ferreiro tenha conhecimento de tão inestimável cura?

— Perdeis tempo a fazer-me perguntas enquanto a dama jaz moribunda.

— Dá-ma então, ferreiro.

— Oh não. Não tão facilmente assim...

— Quem perde tempo agora? Eu quero a cura. Dá-ma e põe-te a andar, *se é que a tens* deveras.

— Uma mercê por outra — disse Adam perentoriamente.

Açor já sabia o que aí vinha. O homem queria a sua esposa. — Seu filho da mãe. O que queres tu?

Adam esboçou um sorriso travesso. — A vossa esposa. Eu salvo-a. Eu fico com ela.

Açor fechou os olhos. Deveria ter dispensado o canalha do ferreiro quando tivera ensejo. Onde diabo estavam os Roma, fosse como fosse? Já deveriam estar em Dalkeith por esta altura.

O ferreiro podia curar a sua esposa, ou assim dizia.

Os Roma podiam de nada saber.

E tudo o que o ferreiro queria em troca por salvar a vida da sua esposa era a sua esposa.

Cada fibra do seu ser gritou de desafio. Confiar esta mulher, legar o seu corpo e tão luxurioso tesouro a outro homem? Jamais. Açor forçou-se a abrir os olhos e fitou o homem chamado Adam. Permitir a este arrogante, belo canalha de um ferreiro que erguesse o seu corpo sobre o da mulher e nos lábios capturasse os seus gemidos de prazer? Os lábios do ferreiro recurvavam-se já num cruel sorriso ao saborear a guerra que se travava dentro de Açor.

Açor disciplinou o rosto para dar mostras de uma calma impassível. Jamais deixar trair os seus verdadeiros sentimentos. Jamais deixar entrever o que se pensa no mais profundo da dor. Quão bem aprendera essa lição com o Rei James!

Contudo... ainda assim... *tudo* faria para que ela vivesse. — Uma moça não é mercê que se conceda. Dar-ta-ei se... e apenas se... ela te quiser — disse por fim. Se ela morresse ele perdê-la-ia. Se vivesse, pelo preço da sua salvação, perdê-la-ia também. Mas, sabia-se lá, porventura não. Incapaz de apagar a raiva que ele sabia fulgurar-lhe com certeza nos olhos, tornou a fechá-los.

— Feito. *Dar-ma-eis se ela me quiser*. Lembrai-vos das vossas palavras, Lorde Açor.

Açor retraiu-se.

Quando abriu os olhos de novo, Adam estendia uma mão para o rosto da sua esposa. Gotas de suor reluziam-lhe sobre os lábios e na testa. A ferida no pescoço supurava, verde, em torno do centro enegrecido. — Toca nela, ferreiro, não mais do que a cura requer — advertiu Açor.

— Por agora. Quando ela estiver curada, toco-a tudo o que ela quiser.

— *Ela* sendo a palavra-chave aí.

Adam pousou a palma da mão na face de Adrienne, examinando atentamente a ferida no seu pescoço. — Preciso de água fervente, compressas, e uma dúzia de linhos fervidos.

— Trazei-me água fervente, compressas, e uma dúzia de linhos fervidos — rugiu Açor para a porta fechada.

— E preciso que vos retireis desta alcova.

— Não. — Não havia mais finalidade na morte do que na recusa de Açor.

— Retirai-vos ou ela morre — murmurou Adam, como se houvesse dito meramente “Está a chover, destes por isso?”

Açor não moveu um músculo.

— Sidheach James Lyon Douglas, tendes escolha? — interrogou-se Adam.

— Tens todos os meus nomes. Como sabes tanto a meu respeito?

— Tomei a meu cargo saber tanto a vosso respeito.

— Como sei eu que não a alvejaste tu próprio com algum obscuro veneno que não é sequer de vespão mas apenas o imita, e que agora simulas uma cura... tudo para que possas simplesmente roubar a minha esposa?

— Absolutamente.

— O quê? — rosnou Açor.

Os olhos de Adam cintilaram quais pedras semipreciosas. — *Não* sabeis. Tendes de fazer uma escolha. Podeis salvá-la neste ponto, Lorde Açor? Não me parece. Quais são as vossas opções? Ela de alguma coisa está a morrer, isso é bom de ver. Julgais que se trata de vespão, mas não estais certo. Seja o que for, está a matá-la. Eu digo que posso curá-la e peço uma mercê por isso. Que escolha tendes, de veras? Dizem que fazeis decisões duras parecerem leves. Dizem que sois um homem capaz de mover uma montanha sem pestanejar, se quiser essa montanha movida. Dizem que tendes um infalível sentido de justiça, de certo e errado, honra e compaixão. Dizem, igualmente — Adam fez uma careta a isto — que sois inexcusável entre os lençóis, ou assim o disse uma mulher, o que sumamente me ofendeu. Com efeito, dizem de veras demasiadas coisas a vosso respeito

para meu gosto. Vim aqui para vos odiar, Açor. Mas não vim aqui para odiar esta mulher que clamais ser vossa esposa.

Adam e Açor fitaram-se mutuamente com mal-contida violência.

Adrienne soltou um grito brusco e estremeceu nos braços de Açor. O seu corpo sofreu uma convulsão, depois inteiriçou-se como se lho tivessem esticado numa roda de tortura. Açor engoliu em seco com força. *Que escolha?* Não havia escolha, escolha alguma de todo.

— Cura-a — resmungou por entre dentes.

— Concedeis-me a minha mercê? — perguntou o ferreiro.

— Tal como acordámos. Apenas se ela te escolher.

— Não imporeis quaisquer restrições a seja que tempo for que ela escolha passar comigo. Cortejá-la-ei deste dia em diante e vós não a advertireis contra mim. Ela é livre de me ver como lhe aprouver.

— Eu cortejá-la-ei também.

— É esse o jogo, Açor — disse Adam suavemente, e Açor entendeu por fim. O ferreiro não queria que a sua esposa lhe fosse entregue livremente. Queria uma competição, uma batalha pelos seus favores. Queria um desafio declarado, e intentava vencer.

— Odiareis quando eu vo-la arrebatara, temível Açor — prometeu o ferreiro. — Fechai a porta quando sairdes.